

Educação Integral dos Trabalhadores

INFORMÁTICA E MUNDO DO TRABALHO COLETÂNEA DE TEXTOS EDUCANDOS

Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha

ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA

Presidente da República
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministra do Turismo
MARTA SUPLICY

Departamento de Qualificação e Certificação e de Produção Associada ao Turismo
Esplanada dos Ministérios, Bloco U, 2º e 3º andar, Edifício Sede, Sala 306.
CEP 70059-900 - Brasília - DF

ELABORAÇÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO:

ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA

Diretor Geral
JOSÉ CELESTINO LOURENÇO

Diretor Financeiro
JACY AFONSO DE MELO

Coordenação Geral
ROSANA MIYASHIRO

Coordenação Pedagógica
ADRIANO LARENTES DA SILVA

Apoio Pedagógico
EVARISTO DOPICO LUZARDO
KATIA REGINA RODRIGUES PASSARINI

Equipe de Educadores
ALINE MARIA SALAMI; ANA CAROLINA R.HERRERA; HANEN SARKIS KANAAN; LUCIANA
RAIMUNDO

Administrativo
ALMIR ROGÉRIO DO NASCIMENTO; JOYCE SANTILLO ARAUJO

Auxiliar de Serviços Gerais
ANA PAULA DE OLIVEIRA MIORANZA

www.escoladostrabalhadores.org.br

Ficha Catalográfica

Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha - CUT.
Informática e Mundo do Trabalho - coletânea
de textos para educandos / Rosana Miyashiro, org.
- Florianópolis : Central Única dos Trabalhadores -
CUT, 2007. 52p.

1. Educação integral dos trabalhadores 2. Cultura e
Trabalho 3. Educação profissional I. Título

Bibliotecário responsável: Eduardo Marcos Fahl - CRB-8/6387

Obs.: Os textos não refletem necessariamente a posição do Ministério do Turismo

APRESENTAÇÃO

Caros (as) educandos (as),

A Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha, integrante da Rede de Formação da Central Única dos Trabalhadores – CUT vem desenvolvendo a proposta pedagógica de Educação Integral dos Trabalhadores. A partir dos acúmulos teórico-metodológicos e na perspectiva de contribuir com as políticas públicas de Educação Profissional, firmou convênio com o Ministério do Turismo para desenvolver o **Projeto de Educação Integral dos Trabalhadores no Turismo e Hospitalidade**.

A coletânea de textos que ora apresentamos tem como referência o projeto político pedagógico da escola e busca possibilitar a apreensão de novos conhecimentos e reflexões coletivas em torno do mundo do trabalho no Turismo e Hospitalidade.

Os Percursos Formativos propostos não se restringem ao mero preparo técnico. Busca-se um trabalho integrado entre os conhecimentos gerais e específicos da **Informática**, de forma contextualizada.

Tem-se como perspectiva uma intervenção coletiva dos trabalhadores a partir da percepção dos desafios contemporâneos a serem enfrentados pela classe trabalhadora e que aponte para melhoria nas condições de trabalho e de vida.

É com esse objetivo que o presente material foi organizado. *Bom estudo!*

José Celestino Lourenço

Diretor Geral

Rosana Miyashiro

Coordenação Pedagógica



“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

Paulo Freire



SUMÁRIO

▪ UMA BREVE HISTÓRIA DO COMPUTADOR, de Hanen Sarkis Kanaan	09
▪ E-MAIL É MAL, de Frei Beto	12
▪ PELA <i>INTERNET</i> , de Gilberto Gil	13
▪ IMAGEM: MUNDO DO TRABALHO, de Pedro Luis Batanero	14
▪ PARTES DO COMPUTADOR	15
▪ A MÁQUINA DA CANABRAVA, de Mário Prata	17
▪ A QUALIDADE TOTAL E A PRODUÇÃO DO DESCARTÁVEL, de Rosana Miyashiro	19
▪ TURISMO SEXUAL	20
▪ A INFORMÁTICA COMO FERRAMENTA NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	21
▪ Organizando seus arquivos	
▪ O Editor de Texto	
▪ Trabalhando com Planilhas	
▪ Sistematizando suas idéias com o <i>Power Point</i>	
▪ Conectando-se ao Mundo pela <i>Internet</i>	
▪ EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, de Adriano Larentes da Silva	28
▪ TECNOLOGIA: UMA CRIAÇÃO HUMANA, de Luiz Gabriel Angenot	30
▪ CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAUDE DOS TRABALHADORES, de Aline M. Salami e Hanen Sarkis Kanaan	32
▪ MEU MAIO, de Vladimir Maiakovski	35
▪ A QUEM INTERESSA A ATIVIDADE TURÍSTICA? de Adriano Larentes da Silva e Hanen Sarkis Kanaan	36
▪ DIFICULDADES PARA A BUSCA DA VERDADE, de Marilena Chauí	38
▪ LIXO, CONSUMO E A QUESTÃO AMBIENTAL	39
▪ PARATODOS, de Chico Buarque	40
▪ O TRABALHO E A PRODUÇÃO DA HUMANIDADE, de Ismael Venâncio de Melo	41
▪ A IDEOLOGIA, de Marilena Chauí	44

UMA BREVE HISTÓRIA DO COMPUTADOR

Hanen Sarkis Kanaan*

Este trabalho apresenta uma pequena introdução sobre a história do computador. Veremos que a evolução desta máquina está relacionada com o desenvolvimento humano e a necessidade crescente de ter uma ferramenta para auxiliar nos cálculos matemáticos e também, no gerenciamento de grande quantidade de informações. Esta necessidade pode ser sentida com o surgimento dos primeiros instrumentos de cálculo manuais.

Muito antes da invenção das “engenhocas” que são os computadores, ainda na Pré-história, quando o homem deixa de ser nômade e passa a adquirir hábitos sedentários, fixando-se em tribos e aldeias, tornou-se necessário a criação de um método para a contagem do tempo. Desta forma, seria possível definir a época do plantio e da colheita, e posteriormente controlar o armazenamento dos grãos.

Descobertas arqueológicas revelaram que por volta de 1700 a.C., no Oriente Médio, próximo a Babilônia, o homem já efetuava operações e cálculos matemáticos utilizando tabuadas de multiplicação feitas em argila.

Com o aumento das relações de comércio e a necessidade crescente em lidar com cálculos matemáticos maiores e mais complexos, sentiu-se a necessidade de se criar instrumentos para auxiliar o homem nos cálculos. Algumas calculadoras primitivas foram bastante populares no Oriente, e a mais famosa delas foi o ábaco, desenvolvido aproximadamente em 1200 d. C na China. O ábaco era formado por fios paralelos e contas ou arruelas deslizantes que, conforme a sua posição, representavam a quantidade a ser calculada. O ábaco também teve outras versões, tais como o ábaco russo e o ábaco japonês, denominado Soroban.



Aproximadamente meio milênio depois, em 1614, o matemático escocês John Napier, inventor dos logaritmos, criou um conjunto de bastões que transformavam a multiplicação de dois números em uma soma. Em 1633, o sacerdote inglês Oughtred, aperfeiçoou os bastões de Napier, representando os logaritmos em escalas feitas de madeira ou marfim, chamando-as de Círculos de Proporção. Estes dispositivos deram origem à régua de cálculos, que permitia realizar rapidamente operações com logaritmos, que levariam horas. Esta régua foi muito popular entre engenheiros e cientistas e era tão útil que só foi aposentada muito recentemente, com a chegada das calculadoras eletrônicas de bolso. A régua de cálculo é considerada o primeiro computador analógico da história.

O primeiro dispositivo mecânico para realizar cálculos foi feito em 1642 pelo matemático e filósofo francês Blaise Pascal. A máquina de calcular de Pascal consistia de um sistema de engrenagens cujo movimento permitia realizar somas e subtrações quase que instantaneamente. Este princípio de funcionamento também foi utilizado até recentemente nos primeiros contadores do tipo taxímetro. Pascal recebeu uma patente do rei da França para comercializar a máquina. No entanto, o resultado obtido através da Pascalina, como ficou conhecida a máquina, não eram muito confiáveis, e Pascal chegou a desenvolver 50 versões diferentes para a máquina.

O invento seguinte coube ao matemático e filósofo alemão Von Leibnitz (1646-1716) que, baseado na máquina de Pascal, construiu outra mais aperfeiçoada que, além de somar e subtrair multiplicava e dividia através de somas e subtrações sucessivas. A operação da máquina de Leibnitz era, no entanto complicada e também sujeita a erros.

* Hanen Sarkis Kanaan é educadora na ETHCI/CUT e formada em História.

Em 1820, Charles Xavier Thomas, projetou e desenvolveu uma máquina capaz de efetuar as quatro operações matemáticas básicas e foi denominada Arithmometer. Esta foi a primeira calculadora comercializada com sucesso.

Todas as máquinas desenvolvidas até esse período realizavam apenas as quatro operações matemáticas básicas, e de maneira independente. A cada novo cálculo o operador da máquina deveria intervir, determinando as novas operações que seriam realizadas. Essas máquinas não eram programáveis.

As máquinas programáveis



No começo do século XIX, em plena revolução industrial inglesa, o matemático e engenheiro inglês Charles Babbage, projetou uma máquina de calcular bem diferente das que se conheciam até aquele momento. Sua máquina trazia uma inovação: ela contava com cartões perfurados que davam instruções à máquina. Pela primeira vez as máquinas podiam ser programadas para dar um resultado, e este resultado podia ser guardado para futuras operações.

A máquina de Babbage não conseguiu financiamento público para ser construída. No final de dez anos ele conseguiu desenvolver uma pequena máquina, que representava apenas uma parte do projeto. Naquela época, o projeto de Babbage não atendia aos interesses econômicos dos capitalistas ingleses. Ainda não era clara, a utilidade real do computador na indústria e nem a possibilidade de lucrar com este alto investimento. A figura abaixo apresenta a máquina projetada e idealizada por Babbage.

A companheira de Babbage, Ada Lovelace, criou programas para a máquina de Babbage e é considerada a primeira programadora de computador do mundo.

Aproveitando a idéia da máquina analítica de Babbage, Herman Hollerith, em 1880, desenvolveu um projeto para processar dados do censo, e o vendeu ao governo americano. A máquina de Hollerith levou sete anos para processar os dados do primeiro censo. Já o segundo censo, levou apenas dois anos para ser processado, o que mostra um avanço na tecnologia da época, resultado de investimentos em pesquisas na área de computadores.

A Inglaterra e os EUA se tornaram pioneiros no desenvolvimento de computadores. Ao longo do século XX, universidades e governos financiaram pesquisas, para o desenvolvimento e aprimoramento dessas máquinas, criando cada vez mais funções para elas. As primeiras aplicações foram em centros de pesquisa e nos serviços de inteligência dos governos, principalmente, em tempos de guerra. O computador podia ser utilizado para desenvolver estratégias militares e até rastrear exércitos inimigos.

O computador no século XX

O Eniac, desenvolvido na primeira metade do século XX, pode ser considerado o primeiro computador moderno. Ele funcionava através de válvulas e relês. Seu sistema continha aproximadamente 19 mil válvulas e consumia uma enorme quantidade de energia elétrica. O Eniac era capaz de realizar 500 multiplicações por segundo, mas ocupava muito espaço e gerava muito calor.

O Eniac atraiu a atenção do matemático John Neumann (que desenvolveu o projeto da primeira bomba atômica). Neumann imaginou que poderia introduzir novas instruções no computador sem alterar as suas ligações físicas. Em seguida, empenhou-se em instalar no interior do computador Mark I algumas instruções fixas (programas) que poderiam ser acionadas quando fosse desejado. Este feito pode ser considerado o início da computação.

No ano seguinte à construção do Eniac, as válvulas puderam ser substituídas pelos transistores, que eram bem menores e muito mais confiáveis. Vários transistores podiam ser reunidos em uma única pastilha formando os chamados circuitos integrados.

Em meados da década de 70 vieram os primeiros microcomputadores. A construção destes só foi possível devido ao invento do minúsculo componente chamado microprocessador. Essa peça, do tamanho de um selo, era capaz de simular um grande computador, pois permitia a entrada de dados, seu processamento e uma saída. O microprocessador era acoplado a um conjunto de chips (pastilhas de silício passivas, que apenas armazenam informações na forma de sinais elétricos) e revolucionaram o mundo dos grandes computadores.

Na segunda metade do século XX, começam as ser desenvolvidos os computadores pessoais e paralelamente a internet, uma rede de comunicação que atendia inicialmente apenas os serviços de inteligência militar de países como EUA, Inglaterra, passa a se expandir. A própria internet é resultado de pesquisas na área de inteligência militar

Em 1975, foi desenvolvido o Basic, a primeira linguagem para computadores. No ano seguinte, era concluído o projeto do Apple I, o primeiro microcomputador feito para ser vendido em grande escala.

O computador teve um papel importante no processo de modernização do sistema produtivo e de prestação de serviços. Os capitalistas viam nessa nova invenção uma possibilidade de aumentar ainda mais seus lucros. O objetivo era inserir “máquinas inteligentes” programadas por computadores na cadeia produtiva. A idéia era substituir pessoas pelas máquinas, o que poderia aumentar o ritmo da produção, reduzir o número de funcionários e aumentar os lucros.

Os bancos foram pioneiros a adotarem a máquina eletrônica na prestação de serviços aos seus clientes e o resultado foi devastador para os níveis de emprego. Milhares de bancários foram substituídos pelos serviços de auto-atendimento, oferecidos pelos bancos.

O mundo por um fio:

Atualmente, estamos participando de uma revolução tecnológica no sistema de comunicações. Os computadores podem agora sair do isolamento e se comunicar através de uma rede mundial de computadores, chamada internet. A internet era até a metade de década de 1980, restrita aos centros de pesquisa, a serviços de inteligência e departamentos de grandes corporações empresariais. Estimativas apontam que em 1995, ano de disseminação da rede no mundo, apenas 16 milhões de pessoas estavam conectadas. As previsões apontam que 1 bilhão de pessoas estejam conectadas em 2005.

A internet permite que qualquer pessoa que disponha de um computador e uma linha telefônica possa ter contato com qualquer outra pessoa conectada, em qualquer parte do mundo, em tempo real. Isto tem causado uma mudança radical nas relações pessoais, profissionais e de comércio. Tornou possível, entre outras coisas, a criação de empresas “virtuais”, a realização de conferências e reuniões com pessoas distantes e acesso a bancos de dados de qualquer parte do mundo.

No entanto, bilhões de pessoa no mundo todo ainda não se beneficiam desta rede de comunicação global. O acesso se concentra em algumas partes do mundo, como Europa, Oceania, regiões dos continentes americanos e asiáticos. A África é o continente que possui o menor número de pessoas conectadas na rede, e também é a região mais pobre economicamente do planeta.

E-MAIL É MAL

Frei Beto

Ando pensando em suspender meu e-mail. Passei uma semana na Itália e, ao retornar, abri o computador e encontrei 123 mensagens! Metade, puro lixo. Gente que não tem o que fazer e ocupa-se com panfletagem eletrônica. Entopem meu correio virtual com manifestos em prol da preservação do mico leão-dourado, avisos de que aspartame envenena, convocatórias em prol da Liga pela Privatização dos Cemitérios, piadas que, contadas, não têm nenhuma graça, e escritas dão vontade de chorar. A tecnologia cibernética funciona em tempo real, mas eu não. Preciso dormir, parar para comer, caminhar três km por dia, ler jornais na rede, rever os amigos, regar a horta e reler na Bíblia o livro dos Provérbios. Querer acompanhar o ritmo supersônico da eletrônica é candidatar-se ao infarto, após uma seqüência de estresses. Estou fora.

Kepler levou quatro anos para calcular a órbita de Marte em torno do Sol. Tivesse um computador, o faria em quatro minutos. Pensam que, então, teria tempo para ouvir o som do órgão na catedral de Praga? Teria caído nessa cilada em que estamos: viramos apêndices de nossas máquinas, como as rodas do carro são obrigadas a girar na velocidade que o motorista imprime ao acelerador.

Se alguém se dispõe a escrever um tratado de psicologia virtual, quero dar a minha contribuição. E-mail serve de muleta eletrônica dos carentes. Escondem-se atrás de identidades falsas em busca de companhias virtuais. Digitam o que não seriam capazes de dizer olho-no-olho. Homem se finge de mulher e mulher de homem. Faz-se sexo por computador, criando para a teologia moral um desafio: como qualificar o adultério virtual?

Quem teme a Aids, não entra em chat sem antes acionar um aplicativo antivírus. Acredite quem quiser: envolvido por meses de paquera eletrônica, outro dia um casal marcou encontro. Ao chegar ao local, a filha deu de cara com o pai!

Como devo pertencer à categoria dos sádicos digitais, tenho prazer em deletar mensagens. Oh, que saudades do velho correio, que trazia pacientemente as cartas, sem pressa de serem respondidas. Aliás, outro fator nocivo do correio eletrônico é o assassinato da língua pátria. Escreve-se rapidinho, atropela-se a sintaxe, embaralha-se a concordância, suprimem-se palavras, introduz-se um dialeto anglotupiniquim que mais parece um idioma de idiotas.

A prosseguir assim, as gerações futuras estarão privadas de meios de expressão e das coleções de correspondências que, publicadas em livro, enriquecem o nosso espírito. Quem lerá o epistolário de Ana Miranda como, hoje, nos deliciamos com as cartas de Mário de Andrade? O bate-bit não tem memória porque não tem cultura. É como aquele papo de mineiro ensinando ao outro a fazer café: "Pô pô pó? Pô pô, pô."

Quero ler e não ter LER. Muito menos aquelas letras miúdas inadequadas a um deficiente visual como eu. Por que não escrevem em corpos maiores? Quero o prazer de abrir envelopes, guardar os selos, acomodar-me na poltrona ao abrir cartas. Recuso-me a ser escravo do tempo, servo do computador, vassalo do provedor, receptor de infindáveis mensagens de pouco proveito. Vivi muitos anos sem elas, e posso viver um pouco mais se não permito que invadam meu espaço físico e psíquico.

Danem-se os que têm pressa. Quero escrever minha obra, redigir meus artigos, cultivar minhas leituras, entregar-me à ociosidade orante. Azar de quem fica na outra ponta da linha à espera de uma resposta imediata. Não me sinto obrigado ao que não prometi. Livro-me de uma vida atachada, que qualquer intruso pensa que abre e fecha a seu bel-prazer.

Eu, que me recuso a ter telefone celular, não vou mais ocupar meu telefone com a coleta dessas mensagens que trazem cartões e desenhos, relatórios e atachados. O pior é quando não consigo acessar o provedor. Fico horas maldizendo a Embrulhatel, a Telemá, e todas essas privatizadas que engoliram o nosso patrimônio público e, ainda por cima, não me facilitam colher as mensagens que me são dirigidas.

No pouco tempo que me resta, devo escrever livros. Não esperem de mim gastar a vida no pingue-pongue eletrônico. Sem tempo a perder - exceto quando se trata de ociosidade criativa e espiritual - tenho mais o que fazer.

Pelo jeito, e-mail é mal.

PELA INTERNET

Gilberto Gil

Criar meu web site
fazer minha home-page
com quantos gigabytes
se faz uma jangada
um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve um oriki do meu velho orixá
do porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve meu e-mail até Calcutá
depois de um hot-link
num site de Helsinque
para abastecer

Eu quero entrar na rede
promover um debate
juntar via Internet um grupo de tietes de
Connecticut

De Connecticut acessar
o chefe da Macmilícia de Milão
um hacker mafioso acaba de soltar
um vírus pra atacar programas no Japão

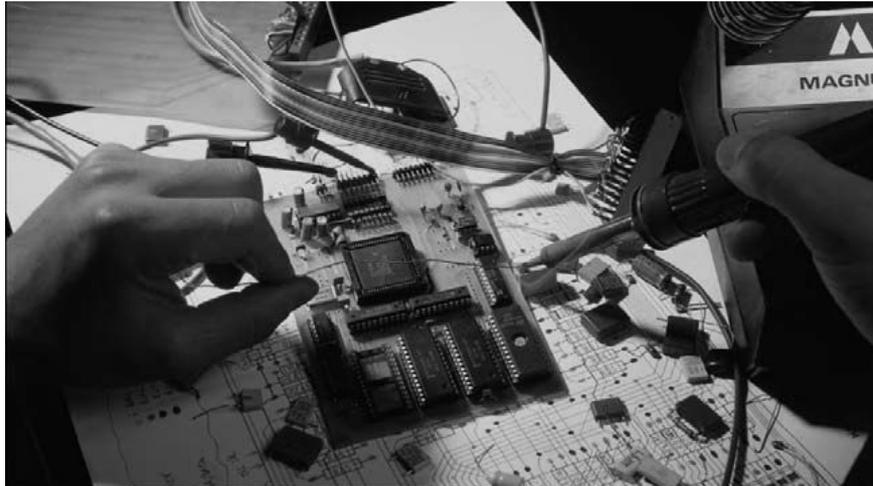
Eu quero entrar na rede pra contactar
os lares do Nepal, os bares do Gabão
que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
que lá na praça Onze tem um videopôquer para se
jogar

MUNDO DO TRABALHO

Pedro Luis Batanero



PARTES DO COMPUTADOR



O QUE É UM COMPUTADOR?

Os computadores estão cada vez mais presentes em nossas vidas, direta ou indiretamente: nos bancos, nas eleições, no noticiário, nas telenovelas etc. O fato de estarem cada vez mais presentes não significa que entendemos ou sabemos como eles funcionam... mas em muitos casos nos despertam a curiosidade... ou não?

O COMPUTADOR E SEUS COMPONENTES

O conjunto computacional consiste de duas partes: *hardware* e *software*. *Hardware* é a parte física do computador e seus principais componentes são: processador, memória e dispositivos de entrada / saída. *Software* é a parte lógica responsável pelo funcionamento do computador, constituída basicamente por programas.

PROCESSADOR: É o "cérebro" do computador. Ele executa as instruções que são responsáveis pela execução de uma tarefa. É a parte que sabe somar, subtrair e executar operações lógicas simples. Uma outra denominação para o Processador é CPU ou UCP: Unidade Central de Processamento.

MEMÓRIA: É a área de trabalho do computador onde ocorrem as atividades. O tamanho da memória delimita o tipo de serviço que o computador pode realizar motivo pelo qual um computador também é avaliado pela quantidade de memória que possui. A palavra *bytes* é a unidade de medida da memória

ENTRADA I SAÍDA: É o meio que o computador usa para receber ou enviar dados através dos dispositivos periféricos. Os principais dispositivos de entrada são: o teclado e o *mouse*; os principais dispositivos de saída são: a impressora e o monitor. Os discos, também denominados *winchester*, são considerados dispositivos de entrada e/ou saída. Neles são armazenadas as informações e, uma vez desligado o computador, quando este for ligado novamente tudo o que foi salvo no disco estará disponível. Principais dispositivos:

- Teclado
- Mouse
- Monitor
- Impressora

Outros dispositivos de entrada/saída são:

Kit multimídia: é um conjunto de dispositivos contendo microfone, alto-falante, leitores de CD (discos compactados) e câmera de vídeo. O microfone é utilizado para gravar sons; o alto-falante tem a finalidade inversa, permite Ouvir sons armazenados no computador. A câmera de vídeo possibilita capturar imagens e fotos que são armazenadas no computador.

Drive de CD: Existem dois tipos de drive de CD: *Somente Leitura* - permite ler informações dos CD's (ou ouvir músicas, acessar dados como textos e imagens). *Gravável* - conhecido como gravador de CD, possibilita copiar informações do computador, assim como se faz com um disquete. A grande diferença entre o CD e o disquete é que o primeiro possui uma capacidade de armazenamento infinitamente superior ao segundo. Além dos gravadores de cd padrão existem também gravadores de DVD.

Drive de Disco Flexível - usado para fazer a leitura de disquetes. Os disquetes permitem copiar e transportar pequenos arquivos de um computador para outro. O limite de armazenamento é 1,44 MB.

Pen Drives - muito utilizado nos dias atuais o *pen drive* é uma memória rápida que se acopla ao computador pela entrada USB permitindo acessar e copiar arquivos Sua capacidade de armazenamento pode ser superior a 1GB.

Modem: apesar de ser um dispositivo não muito recente, tem sido um dos mais comercializados porque permite ligar o computador à grande rede mundial (*Internet*) via linha telefônica.

Scanner: dispositivo de varredura ótica utilizado em aplicações gráficas. Digitaliza imagens, ou seja, passa do papel para o computador, transformando o conteúdo do papel em um arquivo.

Programas: Os programas fazem o computador funcionar através da execução de um conjunto de instruções (comandos) e de declaração de dados que são processados pela máquina.

Programas de sistemas ou *software* básico ou sistema operacional

Ajudam a operar e gerenciar o computador; o funcionamento interno do computador é complexo e só pode ser realizado a partir do sistema operacional.

Programas de aplicações ou *software* aplicativo Executam tarefas específicas, por exemplo: calculadora, editor de textos, editor de desenhos etc.

Software Livre: qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído com algumas restrições. A liberdade de tais restrições é central ao conceito, o qual se apóia ao software proprietário, mas não ao software que é vendido, almejando lucro.

Minha filha interrompeu o irmão mais novo, dando uma explicação melhor.
- Deixa que eu falo: é assim, é uma máquina, tipo um... teclado de computador, sabe só o teclado? Só o lugar que escreve?

- Sei.

- Então. Essa máquina tem assim, tipo... uma impressora, ligada nesse teclado, mas assim, ligada direto. Sem fio. Bem, a gente vai, digita, digita...

Ela ia se animando, os olhos brilhando.

- ...e a máquina imprime direto na folha de papel que a gente coloca ali mesmo! É muuuito legal! Direto, na mesma hora, eu juro!

Eu não sabia o que falar. Eu juro que não sabia o que falar diante de uma explicação dessas, de menina de 12 anos, sobre uma máquina de escrever.

Era isso mesmo?

- ... entendeu mãe?... zupt, a gente escreve e imprime, a gente até vê a impressão tipo na hora, e não precisa essa coisa chata de entrar no computador, ligar, esperar hóóóras, entrar no word, de escrever olhando na tela, mandar para a impressora, esse monte de máquina, de ter que ter até estabilizador, comprar cartucho caro, de nada, mãe! É muuuito legal, e nem precisa de colocar na tomada! Funciona sem energia e escreve direto na folha da impressora!

- Nossa, filha...

- ... só tem duas coisas: não dá para trocar a fonte nem aumentar a letra, mas não tem problema. Vem, que a gente vai te mostrar. Vem...

Eu parei e olhei, pasma, a máquina velha. Eles davam pulinhos de alegria.

- Mãe. Será que alguém da família vai querer? Hein? Ah, a gente vai ficar torcendo, torcendo para ninguém querer para a gente poder levar lá para casa, isso é o máximo! O máximo!

Bem, enquanto estou aqui, neste 'teclado', estou ouvindo o plec-plec da tal máquina, que, claro, ninguém da família quis, mas que aqui em casa já deu até briga, de tanto que já foi usada. Está no meio da sala de estar, em lugar nobre, rodeada de folhas e folhas de textos 'impressos na hora' por eles. Incrível, eles dizem, plec-plec-plec, muito legal, plec-plec-plec.

Eu e o Zé estamos até pensando em comprar outras, uma para cada filho.

Mas, pensa bem se não é incrível mesmo para os dias de hoje: sai direto, do teclado para o papel, e sem tomada! Céus. Que coisa. Um beijo grande, Lúcia."

É, Lúcia, a nossa querida Alice Canabrava, deve estar descansando em paz e rindo muito. E dê uns beijos nos filhos e agradeça a crônica pronta-pronta, plec-plec-plec, que eu ofereço aos meus leitores. E leitoras.

Extraído do Estado de São Paulo, 12/03/2003

A QUALIDADE TOTAL E A PRODUÇÃO DO DESCARTÁVEL

Rosana Miyashiro*

Quem nunca ouviu, numa roda de conversa informal, alguém dizendo:

- A minha televisão ou um outro eletrodoméstico qualquer parou de funcionar.

E surge alguém lembrando com nostalgia:

- No tempo da minha bisavó as coisas duravam uma eternidade, passava de pai para filho, resistiam ao tempo. Mas, hoje é muito diferente, adquirimos um eletrodoméstico e sua vida útil é muito pequena.

Aqueles objetos que há um tempo atrás faziam parte das lembranças de infância, nos tempos atuais deixam de existir. A noção de velocidade, a sensação de que o mundo gira mais rápido permeia a sociedade contemporânea.

Ao mesmo tempo em que convivemos com uma certa nostalgia do tempo lento do passado, saudamos com entusiasmo as “maravilhas” produzidas no momento atual, com o dito avanço das tecnologias. Palavras que ouvimos com frequência como: novas tecnologias, qualidade total e produtividade, atualização permanente e coisas do tipo, o que significam?

Mas por que isso acontece? Será que os homens de hoje são mais criativos do que no passado? Ou será que existe uma lógica maior para que isso aconteça?

Bem, para discutirmos essas questões é preciso lembrar que vivemos no modo de produção capitalista no qual temos, de um lado, os trabalhadores produzindo a riqueza social e, de outro, os capitalistas, que buscam incessantemente o lucro por meio da exploração do trabalhador através da apropriação dessa riqueza social produzida.

Busca-se, cada vez mais, o aumento a produção num tempo cada vez mais curto e com um menor custo. Para que isso aconteça, é necessário o desenvolvimento das forças produtivas, isto é, das máquinas e equipamentos (tecnologia), das formas de produzir (como o trabalho é realizado) e da força de trabalho (o trabalhador).

É por isso que sempre ouvimos que é preciso aumentar a produtividade, isto é: produzir mais, num tempo menor, a um menor custo. É aí que se insere a idéia de que é preciso inovar tecnologicamente e a tal da qualidade total tem como objetivo adequar o sistema de produção para que as mercadorias produzidas tenham um tempo menor de vida útil.

Um estudioso do assunto é o Prof. Ricardo Antunes. Ele diz que a marca da nossa sociedade é a produção decrescente do valor de uso das mercadorias que quer dizer o seguinte: tudo se torna obsoleto e desatualizado num tempo muito curto, obrigando o consumidor a adquirir novas versões do mesmo produto. A produção do descartável faz parte da estratégia do capital para garantir a sua reprodução e, portanto o seu lucro. Essa lógica está voltada para a acumulação capitalista e não para a melhoria das condições de vida da população.

Ouvimos também, constantemente, os empresários dizerem que é preciso ter competitividade, ou seja, as empresas que produzirem novidades (que nem sempre nos ajudam a viver melhor) com o menor custo de produção e em maior quantidade, levam vantagens.

Sobre isso temos um importante filósofo chamado Mezsáros que reflete o seguinte: há um limite para essa lógica, pois ela é destrutiva não somente do meio ambiente, mas dos próprios seres humanos. Vivemos numa sociedade que está em função da produção incessante de mercadorias e não da produção da vida.

É necessário lembrar que as coisas nem sempre foram assim. Houve na história da humanidade diversas formas de organização social. Vivemos numa organização social específica que divide a sociedade em duas classes fundamentais (trabalhadores e capitalistas) e se apóia na propriedade privada dos meios de produção de uma determinada classe, os capitalistas. Esse modo de produção foi construído socialmente e, portanto, não é natural e muito menos a única possibilidade de vivermos em sociedade.

Porém, a sua transformação e ruptura dependem da organização da classe que é explorada (diga-se de passagem, a maioria da população) para construir uma outra lógica de (re) produção da vida.

Precisamos refletir melhor sobre quais as implicações que teremos se continuarmos a viver sob esta lógica. Quem ganha com isso? E como poderia ser diferente?

* É coordenadora pedagógica da ETHCI/CUT e mestranda em Educação pela UFSC.

TURISMO SEXUAL

(...) Depois da expansão do turismo de massa, o setor informal da prostituição desenvolveu-se com o afluxo mais importante de turistas individuais. Tornou-se possível estabelecer uma espécie de cartografia do turismo sexual: as mulheres vão a Goa, à Índia, à Jamaica, a Gâmbia, enquanto os homens preferem os países do sudeste asiático, o Marrocos, a Tunísia, Senegal, a República Dominicana, Cuba, Panamá, o Suriname, o México – sem esquecer o Brasil onde teriam sido recenseadas não menos de 500 mil crianças que praticam a prostituição.

Franck Michel (Le Monde Diplomatique, agosto 2006)

“O sexo é um produto de exportação consumido localmente. Embora pareça ser contraditório, queremos enfatizar que nos países centrais existe um “imaginário” sobre as viagens à periferia, associando-a aos encontros prazerosos, ou seja, é exportada a idéia, socialmente construída, de que a periferia é um “jardim de delícias”.

Helton R. Ouriques. A produção do turismo: fetichismo e de pendência, 2005, p. 108.

“(…) Através de um estudo realizado entre a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), Unicef, Comissão Intersetorial de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e a Universidade de Brasília (UnB) identificou-se 937 municípios e localidades brasileiras onde ocorre a exploração sexual comercial infanto-juvenil. Desse total, 298 (31,8%) estão no Nordeste, 241 (25,7%) no Sudeste, 162 (17,3%) no Sul, 127 (13,6%) no Centro-Oeste e 109 (11,6%) na região Norte”.

Revista Caminhoneiro (edição 211 12/02/08)

A partir do diário íntimo de um explorador sexual, o norte-americano Daniel Gary, capturado em Honduras, é possível ver a total impunidade com que ele se movia no país:

"Este é o melhor hotel em que já estive, é possível ver o mar e, além disso, admitem crianças comigo..." e também "... então à noite tive sexo com ele. No início, tive problemas para entrar com ele no hotel, mas depois de explicar ao recepcionista que ele não estava com drogas, não houve mais problema".

(...) a prostituição infanto-juvenil envolve hoje na Ásia cerca de 1 milhão de crianças e continua a crescer, alimentada principalmente por turistas sexuais dos EUA, Europa, Austrália e Japão. Bordéis mantêm crianças em semi-escravidão e, no Camboja, por exemplo, oferecem sexo com meninas de seis anos por U\$ 3,00.

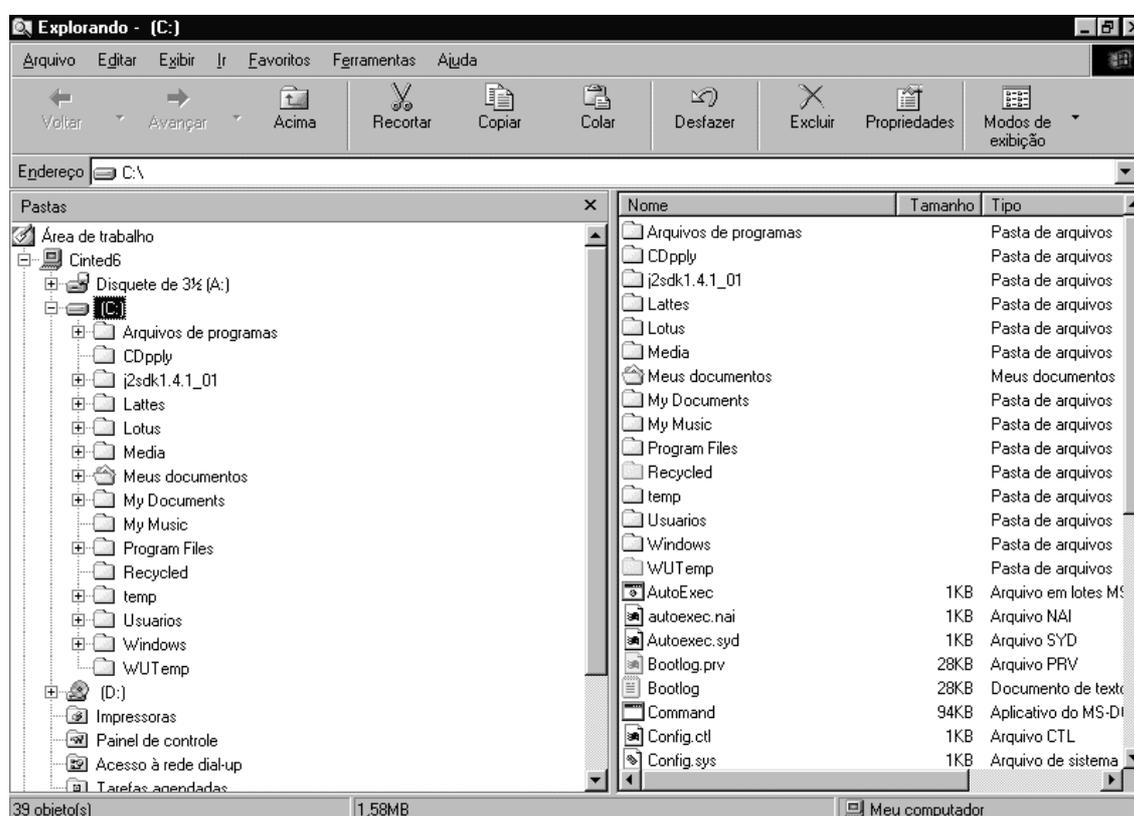
Helton R. Ouriques A produção do turismo: fetichismo e de pendência, 2005, p.101

A INFORMÁTICA COMO FERRAMENTA NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

ORGANIZANDO SEUS ARQUIVOS

No sistema de arquivos do Windows cada unidade de disco, seja Disquete, um Disco Rígido (Winchester) ou um CD-ROM, é dividida em pastas. Cada pasta pode conter subpastas e arquivos. Cada subpasta pode conter outras, e assim sucessivamente. Esta é uma forma como o sistema operacional organiza os arquivos em um disco, permitindo que os arquivos de programas e os documentos do usuário sejam organizados de forma lógica e fácil de administrar.

Se um novo programa é instalado, uma nova pasta será criada para que seus arquivos sejam guardados. Da mesma forma, o usuário pode criar pastas para guardar seus arquivos e seu trabalho. O gerenciamento dos arquivos e pastas é feito através do Windows Explorer.



Imagine que você tem um arquivo em um armário e que lá seus documentos estão organizados por setores, pastas e assuntos e que é feito assim para facilitar a localização dos documentos que você for utilizar. Assim é o *Windows Explorer*, pois através dele podemos guardar arquivos importantes em pastas com diferentes nomes, localizar pastas e diretórios com mais facilidade, além de obter informações sobre os *drives* do computador. Por exemplo, ao clicar sobre o ícone do *Drive C:* serão mostrados os diretórios existentes em forma de pastas e todos os arquivos que estão na raiz. Clicando sobre as pastas é possível visualizar todos os seus arquivos, sejam eles textos, planilhas, imagens ou outros documentos.

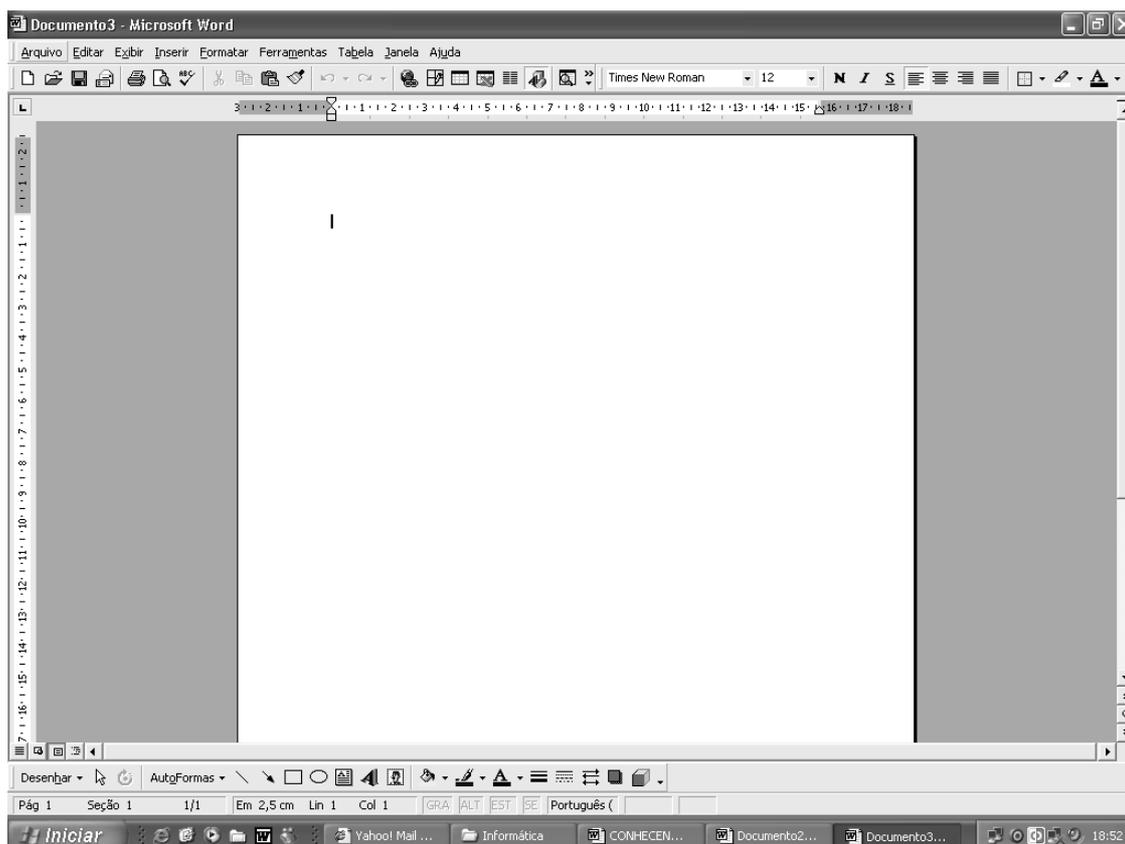
O **Windows Explorer** ou "explorador de janelas" é, portanto, um gerenciador de arquivos e pastas do sistema Windows. Ou seja, é utilizado para a cópia, exclusão, organização, movimentação e todas as atividades de gerenciamento de arquivos, podendo também ser utilizado para a instalação de programas e acesso a recursos de outros computadores que estejam interligados em uma rede local.

*Uma das pastas-padrão mais utilizadas do Windows Explorer é denominada
Meus Documentos.*

O EDITOR DE TEXTO

Um Editor de Textos é uma ferramenta importante para nos auxiliar na elaboração de textos diversos. Ele pode ser comparado a um caderno ou uma máquina de escrever. Mas, para o editor ter de fato uma função é preciso da ação do homem, para transformar nossas idéias em textos, bilhetes, frases etc. Ele possibilita que formatemos de diversas maneiras os mais variados estilos de textos como, por exemplo, cartas, ofícios, tabelas, mensagens com e sem imagens, currículos.

No caso, estaremos utilizando o *Word*. A seguir apresentamos algumas dicas para facilitar o seu manuseio.



Quando abrimos o editor logo aparece a tela principal, lá encontramos uma folha em branco como se estivéssemos abrindo um caderno com um cursor e a partir daí podemos iniciar o processo de digitação.

O cursor funciona como a ponta de um lápis movimentando as linhas para baixo, para os lados direito e esquerdo e para cima, além de ser a ferramenta que operacionaliza a execução das outras funções do teclado, como exemplo a acentuação das palavras e das frases, as letras maiúsculas e a utilização da barra de ferramentas. É com ele que selecionamos palavras, frases, textos, imagens.

O *Word* possui figuras, que podem ser utilizadas para nos auxiliar na expressão das idéias. O nome do recurso é **Clip-Art** e ele possui um conjunto de figuras que podem ser utilizadas para este fim. Outros recursos que podem ser utilizados para tratamento de figuras, caixas de texto, linhas e cores são acessados através da Barra de Ferramentas Desenho.

Dica: Durante a digitação de um texto o primeiro passo para que você não perca suas idéias é salvar seu trabalho, afinal acidentes acontecem e podemos desligar o computador sem querer ou a rede de energia pode simplesmente cair. E aí o que não está salvo pode se perder. **Como podemos então evitar que isso aconteça?**

Para salvar um documento se deve escolher o local onde será gravado ex: meus documentos, área de trabalho, etc... Depois de ir para esse local e escolher o nome do documento, é só clicar em salvar. Quando o documento foi salvo pela primeira vez é só ir clicando no disquete que aparece na barra de ferramentas e você estará sempre atualizando e salvando o arquivo.

Formatando um texto

As ferramentas de formatação têm varias funções, entre delas a de nos dar opções de estilo de como arrumar o texto. É como um lápis e uma borracha em nosso caderno, afinal muitas vezes precisamos apagar alguma coisa que não gostamos ou simplesmente esquecemos de colocar o parágrafo ou gostaríamos de trocar o estilo da letra ou ainda apenas ter escrito com uma outra cor. Se prestarmos atenção na opção Formatar da barra de ferramentas é possível conhecer suas várias funções.

Configurando páginas: para cada tipo de trabalho há diferentes tipos de configuração, por exemplo, quando criamos um cartaz a folha pode estar na opção Paisagem, quando for um texto ou poema podemos utilizar a configuração Retrato.

Dica: O *Word* possui uma configuração de página padrão que é associada a cada novo documento.

Barras de rolagem: Está ferramenta nos permite movimentar o texto, para cima para baixo para os lados – direito e esquerdo.

Imprimindo um documento

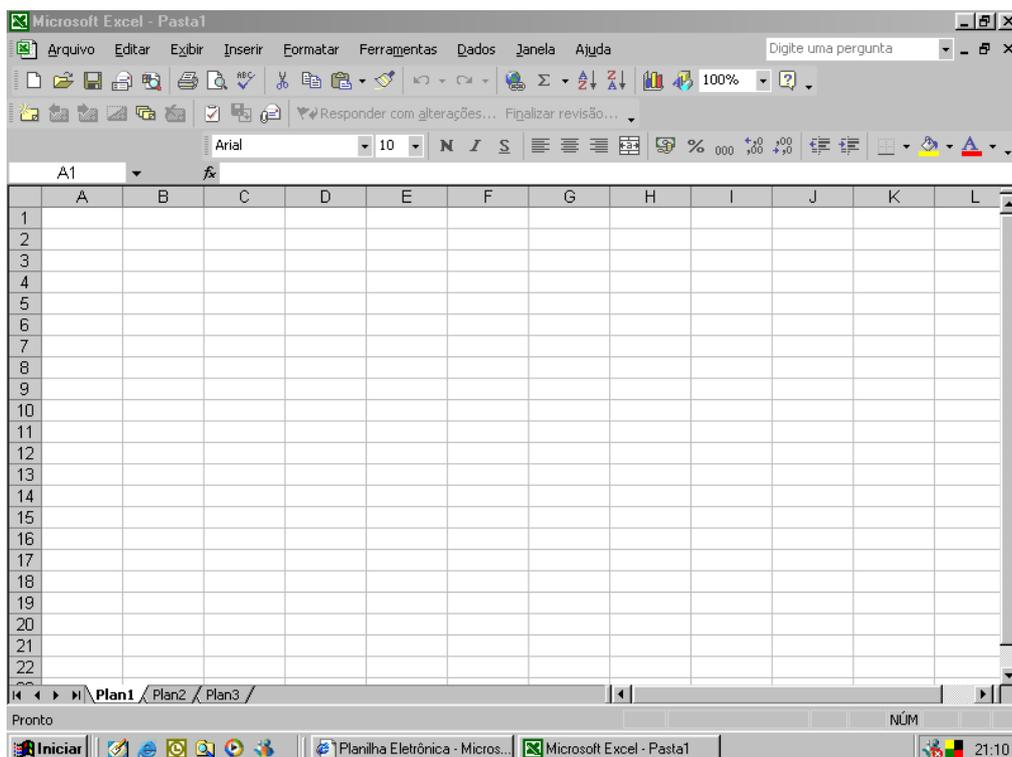
Para imprimir um documento é necessário que a impressora esteja configurada corretamente. Estando configurada, clique no menu Arquivo, opção Imprimir ou use a tecla de atalho *CTRL +P* ou utilize o ícone da barra de ferramentas padrão.

Dica: antes de imprimir é importante visualizar o documento. Para que se tenha noção de como ficou a formatação.

Saindo do *Word*

Para sair do *Word* clique no menu Arquivo, opção Sair ou feche a janela clicando sobre o botão X.

TRABALHANDO COM PLANILHAS



O Excel é um aplicativo utilizado para calcular, armazenar e trabalhar com lista de dados, criar relatórios e gráficos, sendo recomendado para planejamentos, previsões, análises estatísticas e financeiras, simulações e manipulação numérica em geral.

Pode ser utilizado em diversas áreas:

- **Em Casa:** Orçamento familiar, lista de compras para o supermercado, material escolar e outras compras, Projeção de Gastos Mensais e Anuais, Planejamento de Férias e novos investimentos;
- **Nas Organizações Sociais:** Projeção de Custos de Eventos, Montagem de Gráficos identificando áreas de atuação; Acompanhamento dos Salários Pagos aos Trabalhadores de cada categoria, Entradas e Saídas de Recursos Financeiros; Memória de Cálculo para Projetos; Distribuição dos recursos humanos e financeiros por atividades;
- **Nas Empresas:** Folha de Pagamento, Salários, Contabilidade, Controle de Compras, Tabelas de Preços, Saldos, Análise de Investimentos, Custos, Projeção de Lucros, Fluxo de Caixa, Controle de Captação de Recursos, Controle de Contas a Pagar e a Receber, Simulação de Custos, Controle de Produção, Controle de Produtividade, Controle de Estoque, Plano de Vendas, Controle de Visitas, Análise de Mercado, Controle de Notas Fiscais, Emissão de Listagem de Preços;

A Planilha Eletrônica

A planilha eletrônica é um conjunto de colunas e linhas, cuja intersecção denominamos de células. Cada célula possui um endereço único ou referência. Por exemplo, a referência da célula da coluna A com a linha 1 é **A1**. O Excel possui 256 colunas identificadas por letras de **A** até **IV**, e 65.536 linhas.

Fórmulas: A grande vantagem das planilhas eletrônicas está na sua capacidade de calcular. Se uma informação da planilha for alterada, o(s) resultado(s) que depende(m) dessa informação também será (ão) modificado(s).

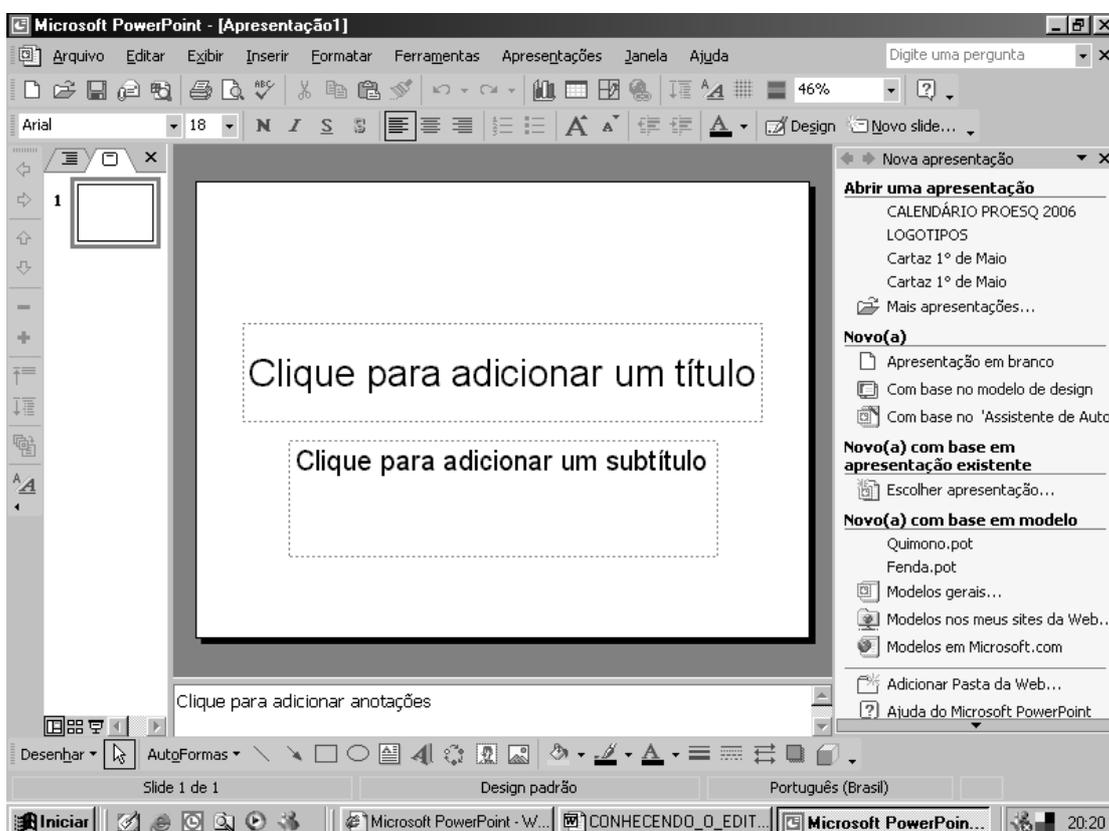
Para criar uma fórmula é necessário selecionar uma célula onde esta deverá ser introduzida e, em seguida, digitar o sinal de igual (=) e, por fim, digitar a fórmula. Por exemplo: =A1+A2+A3.

Importante: todas as fórmulas do Excel começam com o sinal de igual (=). Os princípios de funcionamento do Excel são os mesmo de uma calculadora manual e de operações matemáticas que realizamos no nosso dia a dia.

Os operadores mais utilizados são:

- * Multiplicação
- + Soma
- / Divisão
- - Subtração
- ^ Exponenciação

SISTEMATIZANDO SUAS IDÉIAS COM O POWER POINT



O PowerPoint é um dos aplicativos do Office e permite criar apresentações gráficas. Para criar apresentações gráficas, dispõe de processamento de textos, estrutura de tópicos, esquemas automáticos, modelos, desenhos, assistentes, gráficos e vários tipos de ferramentas para expressar idéias nas apresentações. Atualmente o domínio da ferramenta Power Point tornou-se fundamental, visto que grande parte das apresentações em cursos, escolas, faculdades e reuniões utilizam projetores para ilustrar melhor as idéias apresentadas pelo orador. Ele é uma ferramenta interessante, pois seus recursos permitem que a pessoa descreva, reflita e organize suas idéias em torno de um tema a ser exposto. Com o PowerPoint pode-se criar uma apresentação rapidamente e disponibilizá-la em transparência, papel ou no próprio computador, acrescentar anotações e utilizar materiais desenvolvidos em outros aplicativos tais como: Word, Excel e Paint.

CONECTANDO-SE AO MUNDO PELA INTERNET



A melhor forma de entender a Internet é pensar nela não apenas como uma rede de computadores, mas como uma rede de redes, conectadas umas as outras. A Internet não tem um dono ou um comando central, cada rede individual conectada a ela pode ser administrada por uma entidade ou instituição pública ou da sociedade civil.

Um computador isolado limita-se a acessar as informações gravadas no disco rígido. Um computador ligado a uma rede local, consegue compartilhar informações com as outras máquinas conectadas a esta rede. Um computador ligado à Internet tem o mundo ao seu alcance, ou seja, a Internet permite compartilhar recursos e informações a nível mundial. Com ela é possível realizar pesquisas, enviar e receber mensagens de texto, de voz e imagens, realizar ligações telefônicas, participar de grupos de discussão, comunicar-se com amigos e conhecer novas pessoas, saber sobre o que está acontecendo na cidade, no país e no mundo. Se bem utilizada, pode ser uma importante ferramenta no combate ao racismo, a violência, a xenofobia, ao desvio de verbas públicas e como mais um instrumento de denúncia e de luta contra a exploração dos trabalhadores, a destruição ambiental e a exclusão social.

Componentes que garantem o funcionamento da Internet

Protocolo TCP/IP (Protocolo de Controle de Transmissão / Protocolo Internet): é o protocolo básico para a comunicação entre as máquinas conectadas à Internet, que gerencia toda a parte de transmissão e distribuição dos dados na rede.

Servidores: são computadores equipados com software que permite "servir" a uma rede de computadores. Quanto mais potente o servidor maior e melhor poderá ser a rede por ele atendida. São máquinas de alta capacidade, com grande poder de processamento e conexões velozes.

Roteadores: são máquinas que controlam o fluxo de informações na rede, funcionam como “diretores de trânsito”. O roteador lê o endereço de destino de um pedido e o direciona ao lugar correto.

Backbones: consideradas as espinhas dorsais da Internet, possuem uma infra-estrutura de alta velocidade que interliga várias redes. Garantem o fluxo da informação entre os provedores e ligam todos os países. A Embratel possui o principal backbone brasileiro.

Provedores de Acesso: É uma empresa, uma universidade ou alguma organização qualquer que fornece acesso à Internet. O provedor de acesso é o intermediário entre os usuários e os servidores que existem na rede.

Cliente-Servidor: a Internet usa um modelo de rede chamado cliente-servidor, baseado em requisições e respostas. O computador cliente requisita uma informação a outro computador (servidor), que responde a solicitação enviando o que foi pedido. A maioria das aplicações na Internet é baseada neste modelo, entre elas, as mais usadas são:

- *FTP* (Protocolo de transferência de arquivos) – um cliente faz requisição a um servidor FTP, que responde enviando o arquivo solicitado.
- *World Wide Web* (WWW) – neste caso, o cliente é um navegador (Internet Explorer, Netscape) que solicita uma página e, após receber seu conteúdo do servidor, faz o *display* para o usuário. A World Wide Web é um conjunto de documentos espalhados pela Internet. Estes documentos apresentam uma característica comum: são escritos em hipertexto (forma especial de navegação dentro de um documento), utilizando uma linguagem especial, chamada HTML.
- *E-mail* – um programa cliente de e-mails faz contato com um servidor de e-mails para enviar e receber mensagens. Os e-mails são serviços que têm como base um endereço conhecido como *e-mail address* ou endereço de correio eletrônico, cujo formato é *user@host*. *User* representa o identificador de uma caixa postal e *Host* o nome do domínio do equipamento que pode localizar essa caixa postal.

Home Page: Usualmente, uma Home-Page é um conjunto de arquivos hipertexto apelidados de páginas, disponíveis na WWW, interligados entre si através de Links, e criadas com um objetivo determinado. Algumas vezes, o termo Home-Page também é utilizado para designar a primeira e principal página de um conjunto de documentos. Tal conjunto de páginas também é usualmente chamado de *site*. Os *sites* são localizados através de seus endereços (Exemplo: www.cut.org.br).

EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Adriano Larentes da Silva*



Ao longo de milhares de anos, homens e mulheres construíram diferentes formas de comunicar-se entre si e com o mundo a sua volta.

Inicialmente, a oralidade foi um dos principais meios usados para transmissão de conhecimentos e informações e também uma maneira eficiente de muitas comunidades registrarem os principais acontecimentos do seu cotidiano. Nestes casos, como ocorre até hoje em várias partes do mundo, os membros mais velhos do grupo desempenhavam a importante função de guardiões da memória do seu povo, repassando-a às novas gerações.

Com o tempo, paralelo ao uso da fala, o homem foi desenvolvendo outras maneiras de se comunicar, como desenhos em rochas e utensílios (pictografias), bem como uma escrita mais elaborada, com o desenvolvimento do alfabeto, o que possibilitou um registro maior e mais detalhado das atividades do dia a dia.

Ao fazer seus registros em argila, em papiro, pergaminhos e outros tipos de materiais o homem abriu caminho para que as informações pudessem ser levadas de um canto ao outro sem a necessidade da presença física dos antigos guardadores de história. No entanto, mesmo com essa mudança, a comunicação entre os grupos humanos, principalmente os mais distantes, dependia diretamente de inúmeros trabalhadores, os quais eram responsáveis por fazer chegar as mensagens aos seus destinos.

Na Grécia antiga, por volta do ano 490 antes de Cristo, o mensageiro Pheidíppides teria sacrificado sua vida ao percorrer a pé os 40 quilômetros entre as cidades de Maratona e Atenas para levar a notícia da vitória grega sobre os persas. Esse episódio acabou dando origem à Maratona, presente nos Jogos Olímpicos desde o final do século 19.

Já na China, desde o século 1º antes de Cristo, havia um sistema muito eficiente de comunicação graças à construção de estradas e acessos, bem como postos de coleta e distribuição de cartas. Esse sistema evoluiu de tal maneira que séculos mais tarde, os correios chineses dividiam-se em três categorias: a pé, a cavalo e expresso. “As cartas enviadas a pé e a cavalo percorriam em geral 70 quilômetros diariamente; as cartas *expressas* adotavam um sistema semelhante a uma corrida de revezamento de hoje em dia, isto é, o carteiro a cavalo corria sem parar dia e noite, com tempo bom ou ruim e em cada estação postal trocavam-se os carteiros e os cavalos.”¹ Os carteiros do correio *expresso* levavam chocalhos com sinos pendurados durante o dia e uma tocha à noite para que todos os passantes, quer viajantes comuns quer soldados do exército, abrissem caminho o mais rápido possível. Estima-se que uma carta *expressa* podia percorrer até 300 quilômetros por dia.



Portanto, a agilidade na comunicação entre os grupos humanos dependia diretamente das características geográficas de cada região, das condições das estradas, dos meios de transporte e das demais condições materiais existentes em cada sociedade. Da mesma forma, eram extremamente importantes o aperfeiçoamento de meios de comunicação já existentes e o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias.

Neste sentido, um grande salto para a difusão de informações e conhecimentos foi dado no século 15, final do período medieval, pelo alemão João Gutenberg que aperfeiçoou a técnica de impressão com tipos móveis, inventando e desenvolvendo uma máquina de fundição de tipos e os tipos vazados em caracteres individuais de cobre. Após a invenção de

* Adriano Larentes da Silva e coordenador pedagógico da ETHCI/CUT e doutorando em História pela UFSC.

¹ LING, Wei. Desenvolvimento do Correio na China antiga. In: **Rádio Internacional da China**. Disponível em: <http://portugues.cri.com.cn/portugal/2003/Feb/113074.htm>. Consulta feita em março de 2005.

Gutenberg, considerado o pai da imprensa moderna, textos e documentos que antes levavam meses para serem manuscritos ou copiados, tarefa esta até então desempenhada por um grupo restrito de pessoas, podiam agora ser impressos com maior rapidez. Além disso, esses textos passaram a ser impressos em línguas locais, rompendo com o monopólio do latim e dos letrados sobre a cultura escrita.

Neste mesmo período, outro acontecimento que colaborou para o encurtamento das distâncias e do tempo foi as Grandes Navegações. Estas colocaram frente a frente sociedades bastante diferentes entre si, num contato em que prevaleceu, a ferro e a fogo, a voz e a cultura dos dominadores. Foi esta lógica que predominou nas relações estabelecidas entre os povos do Novo e do Velho Mundo durante mais de cinco séculos de história. Com isso, coube aos últimos desenvolver suas tecnologias, enquanto boa parte dos primeiros apenas as importavam, pagando muito caro por elas. Foi o que ocorreu na área de telecomunicações desde a invenção do telégrafo, do telefone, do rádio e, mais tarde, da televisão, do satélite e do computador. O mesmo também se deu na área dos transportes, com a construção de estradas e ferrovias e a utilização de modernos aviões.

As comunicações no Brasil

No Brasil, as inovações tecnológicas que possibilitaram uma maior agilidade nas comunicações só tornaram-se realidade após a vinda da família real, no início do século 19. A partir de então o país, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, passou a contar com jornais impressos que circulavam com uma periodicidade regular, bem como com um serviço postal mais eficiente. Mesmo assim, uma carta enviada para a Europa podia demorar meses para chegar a seu destino.

A circulação das informações nas áreas mais distantes e em todo interior do país continuou extremamente lenta até o início do século 20, quando o cinema e mais tarde o rádio tornaram-se veículos importantes de comunicação. Até este período, a igreja e a cidade eram os principais lugares onde a população buscava saber sobre o que se passava na sociedade.

Com a abertura de salas de cinema em várias cidades e com a implantação do rádio no Brasil, a partir da década de 1920, as informações passaram a circular mais rapidamente. Nos cinemas, as notícias dos últimos acontecimentos eram transmitidas geralmente antes do início de cada sessão. Já através do rádio podia-se ouvir notícias do mundo todo e, em alguns casos, até captar o sinal de emissoras instaladas em outros países. Nos primeiros tempos, porém, somente as famílias com maior poder aquisitivo podiam adquirir os aparelhos receptores, devido a seu alto custo. Com isso, a solução encontrada pelas camadas populares era dirigir-se a estabelecimentos comerciais ou a casa de amigos e conhecidos para ouvir notícias e novelas. Esta realidade só mudaria décadas mais tarde com o processo de urbanização, com o aparecimento dos rádios portáteis e com a instalação das primeiras emissoras de televisão no Brasil.

Na televisão, as notícias, novelas e outros programas radiofônicos, poderiam agora ser visualizados pela população. No entanto, assim como ocorreu com o rádio, este veículo de comunicação só se popularizou muitos anos após seu surgimento. Inicialmente, nos anos 50 e 60, as transmissões eram em preto e branco e só nos anos 70 passaram a ser em cores. Hoje a televisão é, juntamente com o rádio, o maior veículo de comunicação de massa do país, com milhões de telespectadores em todo o território nacional.

A partir dos anos 80 e principalmente os anos 90, outro meio de comunicação que começou a tornar-se popular no Brasil foi o computador. Usado inicialmente por empresas e órgãos públicos, este aparelho hoje virou um bem de consumo desejado por muitas famílias e já está presente em milhares de lares em todo o país. Com a ajuda do computador e também graças ao desenvolvimento da Internet, as comunicações tornaram-se ainda mais ágeis e capazes de interligar, em segundos, regiões distintas do planeta.

Todas essas transformações das tecnologias e das comunicações, portanto, foram fundamentais para a aceleração do tempo e para o encurtamento dos espaços na sociedade. Apesar disso, ainda estamos muito longe de termos meios de comunicação que estejam verdadeiramente a serviço da grande maioria da população.

TECNOLOGIA: UMA CRIAÇÃO HUMANA

Luiz Gabriel Angenot*



Neste texto buscaremos desconstruir o mito de superioridade do computador em relação a inteligência humana. Buscaremos ainda ampliar a visão de tecnologia para além dos aparelhos eletro-eletrônicos, como também perceber o ser humano como produtor de tecnologias.

Para ajudar nossa reflexão veremos a seguir uma pequena história.

Certa vez uma pessoa foi a uma repartição pública de cadastramento de imóveis verificar a situação da regulamentação do terreno e da casa que era proprietária. Durante o atendimento, o funcionário foi conferindo com ela as dimensões e características exatas da propriedade acessando a base de dados de um computador. A pessoa ficou muito impressionada de como podia o funcionário saber de tudo aquilo, sem ele nunca ter ido ao local averiguar. Quando o funcionário perguntou a pessoa se havia alguma dúvida, ela não pensou duas vezes e disse: o senhor poderia me dizer, olhando aí no computador, de quem é a bicicleta que deixaram hoje em frente a minha casa?

A tecnologia tem poderes mágicos?

O pequeno fato descrito acima denuncia que muitas pessoas ainda atribuem poderes sobrenaturais aos computadores, como se ele fosse uma bola de cristal, uma fonte infinita de conhecimento. Mas, essas pessoas não têm nenhuma obrigação de saber o que realmente é, visto tratar-se de um equipamento desnecessário no seu cotidiano. Mas o problema está quando se assume posição de inferioridade em relação a máquina, chegando a diviniza-la.

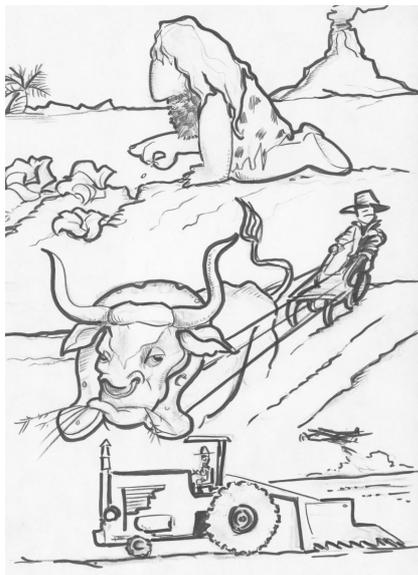
O computador é uma máquina inventada pela sociedade, resultado da acumulação de conhecimento produzido no decorrer da sua história. Ele funciona articulando placas formadas com circuitos complexos e peças de pequeníssimo tamanho, que ao combinar e calcular números, forma um código que aparece no visor simbolizado por uma letra ou imagem. Assim, o que se vê na tela do computador são símbolos que tem por trás vários números. E as informações contidas no computador como aquelas ditas pelo funcionário, são colocadas pela pessoa que o programou.

Os primeiros computadores criados na primeira metade do séc. XX, eram imensas máquinas que ocupavam o espaço equivalente a algumas salas de aula. Com o passar do tempo surgiram novas formas de construí-lo e seu tamanho foi sendo diminuído até chegar ao da máquina que se vê atualmente, por exemplo, nas repartições públicas: um Microcomputador. A palavra Micro quer dizer pequeníssimo e Computador é aquele ou aquilo que computa. Computar quer dizer contar, calcular.

O Microcomputador é isso, explicado de forma resumida. Uma pequena máquina de computar, se comparado aos primeiros modelos de computadores. E não um objeto de adivinhação. É a mais avançada máquina criada pela humanidade que realiza rapidamente, complicadas operações matemáticas. Ele foi inventado para armazenar dados

* Luiz Gabriel Angenot, é educador da ETHCI/CUT e geógrafo pela UFSC.

e transmiti-los a outros computadores, quando conectados entre si. O computador pode ser assim uma fonte de informação, que é bom frisar que não é infinita, como também pode ser um transmissor de informação ou meio de comunicação, desde que se tenha a estrutura necessária para realizar a comunicação.



A tecnologia é criação humana para um determinado fim. O computador é uma criação humana, uma tecnologia destinada ao processamento de dados. Chamamos de tecnologia a apropriação do conhecimento sobre o processo de imaginar uma coisa, construí-la e saber usar essa coisa para produzir a vida humana.

Tomamos o microcomputador como um dos vários exemplos que há de tecnologia. Mas o que parece ser rudimentar para a produção da vida de uma sociedade pode não ser para outras. A tecnologia pode ser ultrapassada ou não dependendo do local, das condições com que esta é utilizada, como também dependerá da finalidade a que se destina: para a produção da subsistência ou para enriquecimento. Pois se for para a segunda opção, a tecnologia empregada na produção deverá ser a mais avançada para obter resultados lucrativos.

Se um agricultor produz para a subsistência dele e de sua família: a enxada, a foice, o machado e o arado movido a tração animal, podem ser um aparato tecnológico suficiente. Mas caso ele queira produzir para acumular riqueza, ele precisará de uma tecnologia que

proporcione maior produção como: tratores, caminhões, maior espaço de terras e contratar outras pessoas para trabalhar para ele.

Normalmente quando se fala em tecnologia, logo lembramos de diversos aparelhos eletrônicos; das grandes e complexas máquinas robóticas utilizadas nas fábricas; computadores; foguetes; satélites; carros modernos; laser; naves espaciais; robôs; etc. e não sabemos que o ato de escrever usando uma simples folha de papel e um lápis é estar usando uma tecnologia que revolucionou a comunicação e o registro na história da humanidade.

Se atualmente para uma parte da sociedade essa tecnologia não é mais a única ferramenta utilizada na comunicação, existe outra parcela que ainda não aprendeu a ler nem escrever, situação que impossibilita usar essa tecnologia e que para isso precisa ser ensinada, ou seja, alfabetizada. Para se usar o computador não é diferente, é necessário também um ensino específico. Da mesma forma que existe a auto escola para ensinar a dirigir carros e motos; a escola de aviação para pilotar avião, etc. Mas tem tecnologias que aprendemos a usar no nosso cotidiano, no ambiente do trabalho, que não exige a realização de um curso e nós nem nos damos conta disso.

Toda pessoa tem a possibilidade de aprender qualquer coisa desde que tenha condições e oportunidades, para isso. Em qualquer lugar do mundo cada pessoa aprende coisas, se apropria de tecnologias que lhe são necessárias a sua sobrevivência: seja no campo, ou na cidade, na selva, nas regiões geladas ou nas desérticas. Não só tem a capacidade de aprender a usar tecnologias como também criar novas tecnologias.

Então o computador é uma tecnologia, uma criação humana, utilizada como ferramenta de trabalho aplicada para inúmeros fins, menos para o de adivinhar coisas.

Todo conhecimento sobre qualquer tecnologia tem seu grau de importância dentro da construção da estrutura da sociedade que possibilita a produção de nossas vidas. Quem sabe usar o computador pode não saber como fazer renda de bilro, usar um engenho movido à tração animal para fazer farinha ou açúcar, usar uma sarabatana, um arco e flecha, navegar num barco à vela ou a motor, etc.

CONDIÇÕES DE TRABALHO E A SAÚDE DOS TRABALHADORES

Aline M. Salami e Hanen Sarkis Kanaan*

“Não sois **máquina**, **homem** que sois”.

(Charles Chaplin)



Com frequência ouvimos que no atual contexto do mundo do trabalho a ocorrência das doenças ocupacionais tem aumentado. O que isso tem a ver com as condições de trabalho e a saúde dos trabalhadores? Para compreendermos essa questão precisamos voltar um pouco no tempo, retomando o processo histórico de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

A revolução industrial, a partir do século XVIII, é um marco na mudança do processo de produção e provocou uma enorme transformação na sociedade.

Nesse período temos o nascimento do proletariado urbano-industrial e dentre as primeiras reivindicações dos trabalhadores já estão presentes questões relativas à redução da jornada de trabalho, à segurança no trabalho, ao descanso

semanal, às condições de salubridade nos locais de trabalho (por exemplo, a presença de janelas e banheiros), entre outras.

O avanço do capitalismo com a modernização crescente dos processos de trabalho para o aumento da capacidade produtiva trouxe novas conseqüências para a vida e saúde dos trabalhadores.

Ou seja, com a revolução industrial, se instaura uma nova divisão social do trabalho e a introdução das máquinas (tecnologia) na produção. Aquilo que antes era realizado pelo homem passa a ser realizado por uma máquina (extensão extra-corpórea), ou seja, a máquina é o prolongamento do corpo humano e deveria auxiliar na eliminação do trabalho extenuante e degradante, diminuindo a exigência de esforço muscular e mental. No entanto, observamos a introdução de tecnologias cada vez mais sofisticadas que, ao contrário de liberar o tempo, tem provocado a intensificação no ritmo de trabalho. Portanto, o problema não são as tecnologias e sim a destinação dela. Essa situação, em tempos passados provocou uma tensão na relação entre os trabalhadores e a máquina, expresso no movimento que ficou conhecido como ludismo, em que havia o entendimento de que a máquina era a causa dos problemas da classe trabalhadora.

Por conta da lógica de aumento da produção e da produtividade nas empresas, as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho sempre permearam a realidade do mundo do trabalho posto que nos processos de trabalho se despreza os limites humanos ao serem determinados ritmos de trabalho ao ritmo das máquinas. Porém, as máquinas quando apresentam desgaste têm suas peças substituídas por outras. As atividades laborais que “utilizam” intensamente algumas das capacidades humanas acabam fazendo com que os órgãos ou membros envolvidos nesse tipo

* Aline M. Salami é nutricionista e mestranda em Agroecossistemas e Hanen S.Kanaa é historiadora. Ambas são educadoras da ETHCI

de trabalho sofram um desgaste máximo, tornando “inútil” para o trabalho o Homem inteiro já que, ao contrário das máquinas, nossas “peças” não podem ser substituídas. O filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, é emblemático dessa situação, expressando a relação homem-máquina no padrão fordista de produção.

Porém, as doenças ocupacionais não são coisas do nosso tempo, já na idade média ela atingia os trabalhadores e eram conhecidas sob outros nomes. Com o aumento do ritmo de trabalho, tanto na cidade como no campo, principalmente depois da segunda metade do século XX, as doenças ocupacionais mais visíveis decorreram das tarefas repetitivas (nas fábricas, escritórios, etc.) e por este motivo as discussões sobre a saúde dos trabalhadores centraram na LER/DORT.

Mas o que caracteriza uma doença ocupacional? Podemos considerar doenças ocupacionais aquelas originadas e/ou adquiridas no desempenho de determinada atividade laboral. Por exemplo, determinadas doenças têm incidências maiores conforme o tipo de trabalho realizado como é o caso dos garis que têm elevado índice de lesões nos membros inferiores e o dos mineiros que são acometidos com a pneumoconiose, popularmente conhecida como pulmão negro. Lembramos ainda que a falta de condições adequadas nos locais de trabalho pode causar perda auditiva e de voz, contaminação por agentes químicos, etc.

Já os acidentes de trabalho são caracterizados por uma ação imediata como cortes, queimaduras, fraturas etc. no exercício da atividade laboral. Da mesma forma que as doenças ocupacionais, os acidentes de trabalho ocorrem devido à interação de vários fatores que estão presentes no ambiente de trabalho e podem ser previsíveis e preveníveis, uma vez que, eliminados os fatores de risco pode-se reduzir ou eliminar as ocorrências.

É prática comum nas empresas a realização de investigações que atribuem os acidentes de trabalho aos “comportamentos inadequados” informando como causas principais o descuido, a imprudência, a desatenção ou a negligência do trabalhador. Nessa perspectiva, são realizadas uma série de recomendações focadas na mudança de comportamento dos indivíduos do tipo, “tomar mais cuidado”, “prestar mais atenção”, “reforçar o treinamento”. Nessa visão está presente a culpabilização dos trabalhadores pelos acidentes de trabalho e pelas doenças ocupacionais, isentando a empresa da responsabilidade de assegurar condições dignas de trabalho.

Portanto, a prevenção de acidentes e de doenças ocupacionais será efetiva se os trabalhadores se organizarem. Esse pode ser um instrumento de formação, informação, discussão e intervenção no mundo do trabalho. Uma forma de organização que temos é a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) que é obrigatória em empresas com mais de 20 funcionários. Outra ferramenta que denuncia as condições de trabalho é a emissão dos CATs (cadastros de acidentes de trabalho) no prazo de 24h do ocorrido ou após a conclusão do diagnóstico. Quando a empresa não emite o CAT, o trabalhador fica desamparado legalmente.

Dados do Ministério da Previdência Social (2007) indicam que, *“30% dos acidentes atingem mãos, dedos e punhos, e poderiam ser evitados com investimentos em máquinas mais modernas, com dispositivos de segurança, com capacitação dos trabalhadores e processos de produção mais adequados”*. De acordo com o Anuário Estatístico/2006, a maioria dos acidentes ocorreu na indústria (47% dos casos) e no setor de serviços (45%). Segundo o Ministério do Trabalho (2004), o Brasil está entre os 15 países do mundo com maior incidência de acidentes de trabalho e participa em quarto lugar, na ocorrência de óbitos. Apesar desses dados alarmantes, a realidade pode ser mais drástica posto que os dados oficiais se baseiam nos CATs dos trabalhadores com emprego formal e sabemos que a sub-notificação ainda é uma prática comum. Nesses dados não estão computados os acidentes sofridos pelos trabalhadores informais.

Atualmente na chamada reestruturação produtiva do capital (com a eliminação de postos de trabalho) os trabalhadores e trabalhadoras com medo de perder o emprego submetem-se a longas jornadas de trabalho (horas-extras), aceitam a flexibilização de seus direitos e a competitividade é estimulada nos ambientes de trabalho provocando conflito entre os próprios trabalhadores. Dessa realidade, derivam várias conseqüências para a saúde dos trabalhadores que sob pressão psíquica permanente, são acometidos por depressão, stress, fadiga e o uso excessivo de álcool e drogas, que no limite provocam suicídio.

Essas doenças são mais difíceis de serem diagnosticadas e relacionadas ao processo de trabalho. Podemos dizer que, na maioria das vezes, a omissão desses casos decorre da introjeção da disciplina do trabalho pelos trabalhadores expresso no sentimento de culpa ou de vergonha da impossibilidade de realização das atividades cotidianas. Outra questão que merece atenção e uma análise crítica são as explicações individualizadas, de caráter moralista, que tem sido reproduzidas no imaginário social que associam as doenças ocupacionais à fraqueza, à falta de vontade, à preguiça ou à dissimulação.

Maria da Graça Jacques atenta para o papel da mídia no reforço dessa visão: “(...) é ilustrativo o comentário de Elio Gaspari, em sua coluna no jornal Zero Hora, com o título de ‘Cuidado com as pedras desgovernadas’, que reproduz o conteúdo descritivo de um acidente elaborado pelo INSS: “Ao retornar de seu horário de almoço, o trabalhador Moacir Pereira Passos não enxergou uma pedra vindo em sua direção desgovernada e bateu em sua cabeça”. O jornalista comenta de modo irônico e jocoso: “Estava voltando do almoço (logo não trabalhando), não viu a pedra (distraindo). Inocenta-se a pedra que estava desgovernada. Pedras governadas são aquelas que sabem desviar da cabeça de trabalhadores distraídos que insistem em almoçar”.

Interpretações como essas responsabilizam individualmente os trabalhadores e não consideram a complexidade que cerca a ocorrência de um acidente ou de uma doença ocupacional. Ao contrário, provocam mais uma fonte de tensão e de sofrimento gerando uma situação em que a vítima introjeta a culpa que lhe é atribuída, o que pode agravar sua condição de saúde.

Como o processo de trabalho é constantemente modificado para obtenção de maior lucro das empresas, certamente surgirão novas conseqüências para a vida dos trabalhadores. Portanto é fundamental compreender que as estratégias para obtenção de maior produtividade nada mais são do que o aumento da taxa de exploração da força de trabalho. Em certos momentos históricos os trabalhadores se organizaram e conseguiram melhorias significativas nas condições de trabalho. Hoje, em decorrência do desemprego, tornou-se mais difícil fazer a luta de classe, porém somente enfrentando coletivamente esses desafios podemos melhorar as condições de vida e de trabalho de toda a classe trabalhadora.



MEU MAIO

Vladimir Maiakovski

**A todos
Que saíram às ruas
De corpo-máquina cansado,
A todos
Que imploram feriado
Às costas que a terra extenua –
Primeiro de Maio!
Meu mundo, em primaveras,
Derrete a neve com sol gaio.
Sou operário –
Este é o meu maio!
Sou camponês - Este é o meu mês.
Sou ferro –
Eis o maio que eu quero!
Sou terra –
O maio é minha era!**

A QUEM INTERESSA A ATIVIDADE TURÍSTICA?

Adriano Larentes da Silva e Hanen Sarkis Kanaan*



Ao contrário do que se imagina, o turismo é uma atividade muito recente. Surgiu no século XIX, no contexto do desenvolvimento capitalista na Europa. As grandes viagens e navegações que ocorreram antes deste período não são consideradas atividades turísticas.

O turismo está relacionado à luta histórica dos trabalhadores por melhores salários e pela redução da jornada de trabalho que, no século XIX, variava de 16 a 18 horas diárias. Com a conquista da redução da jornada, a nova preocupação dos capitalistas e da igreja neste período, era com o uso de tempo livre dos trabalhadores. Para dar sentido a esse tempo livre e disciplinar os trabalhadores, surgiram nas regiões fabris da Inglaterra as primeiras viagens organizadas de trabalhadores para o litoral. Essas viagens surgiram para criar uma classe consumidora e disciplinada para o trabalho.

No século XX, a conquista de novos direitos, entre eles o descanso remunerado aos domingos e o aumento de salário, permite que mais trabalhadores possam fazer turismo, conhecendo novos lugares. Os regimes fascista e nazista, que ganharam força na Europa dos anos 20 a 40 do século XX, tiveram um papel muito importante, organizando grandes centros de lazer e subsidiando viagens de férias aos trabalhadores.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a reestruturação produtiva, o turismo se expandiu no mundo. Expansão que começou na Europa e nos EUA, pela experiência acumulada com o turismo de massa dos governos nazi-fascistas europeus. A partir da década de 1950, com a retomada do crescimento econômico nos países desenvolvidos, com a melhoria das condições salariais e sociais dos trabalhadores e com o aparecimento de uma elite interessada em conhecer novos lugares, o turismo passou a ser visto efetivamente como mais uma mercadoria

* Adriano L. da Silva é coordenador pedagógico da ETHCI/CUT e doutorando em história pela UFSC. Hanen S. Kanaan educadora da ETHCI/CUT e historiadora. Esse texto foi baseado na palestra do Prof. Dr. Helton R. Ouriques (Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina) realizada no Seminário Nacional Turismo e Hospitalidade I - Negociação e Contratação Coletiva da Qualificação Sócio-Profissional, em 09/03/2006, em Florianópolis/SC.

lucrativa. Houve então uma explosão da atividade turística no mundo todo. As redes de hotéis se expandiram e milhares de trabalhadores foram contratados para atender esse novo filão do mercado.

Com a expansão da atividade turística criou-se também um mito de que esta atividade seria a “salvação da lavoura” para os países subdesenvolvidos. Bastaria então que os governos desses países criassem condições favoráveis para a instalação de grandes empreendimentos turísticos para que o desenvolvimento econômico e o emprego de milhares de trabalhadores estivessem garantidos.

Atualmente existem dados estatísticos que apontam que o turismo mundial se concentra na Europa e nos EUA. Ainda segundo pesquisas recentes sobre o setor turístico, o número de turistas que viajam aos países periféricos é muito menor do que apontam as grandes redes de hotéis e os governos locais. O discurso de que o setor de turismo é um grande empregador é outro mito. Os trabalhadores do setor em questão são, juntamente com trabalhadores rurais e da alimentação, os que têm as piores condições de trabalho e de salários. Os investimentos das empresas transnacionais no setor acabam voltando para seus países de origem. É isto que ocorre, por exemplo, com a rede Accor que tem sua sede na França e milhares de estabelecimentos espalhados pelo mundo inteiro. A atividade turística, portanto, provoca uma concentração de riqueza e não sua distribuição.

Países como México, Brasil e Marrocos que recebem um grande número de turistas por ano e investem milhares de dólares no setor, não conseguiram elevar a qualidade de vida de sua população através do turismo.

O turismo nos países periféricos contribui para a reprodução do capital. As populações nativas deixam seus ofícios originais para se sub-empregar em hotéis ou trabalhar a serviço do turista. Um exemplo bem claro dessa situação são os pescadores de Natal, no Rio Grande do Norte, que têm deixado suas atividades para trabalharem como bugreiros levando os turistas para passearem nas dunas.

Quando um complexo hoteleiro se instala numa região, todas as relações, sejam elas sociais ou econômicas, são alteradas. A comunidade perde lentamente suas características e novos hábitos, muitos deles nocivos aos moradores locais, são incorporados. Em contrapartida, as comunidades que resistem são massacradas pelo capital internacional que tenta de todas as maneiras adquirir as melhores áreas para desenvolver suas atividades.

Com a promessa de prosperidade e desenvolvimento econômico e social, o capitalismo encontrou através da atividade turística uma nova forma de exploração dos trabalhadores dos países pobres do mundo.■

DIFICULDADES PARA A BUSCA DA VERDADE

Marilena Chauí

Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não têm meios para avaliar o que recebem.

Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, freqüentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas "não batem" umas com as outras, que há vários "mundos" e várias "sociedades" diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as pessoas não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há outras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses "emissores de mensagens", as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir o desejo da busca da verdade, em nossa sociedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas crianças, jovens, adultos, idosos como crianças extremamente ingênuas e crédulas. O mundo é sempre um mundo "de faz-de-conta": nele a margarina fresca faz a família bonita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o homem confiante, inteligente, belo, sedutor, bem-sucedido nos negócios, cheio de namoradas lindas; o desodorante faz a moça bonita, atraente, bem empregada, bem vestida, com um belo apartamento e lindos namorados; o cigarro leva as pessoas para bellissimas paisagens exóticas, cheias de aventura e de negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável etc.), produzindo um eterno "faz-de-conta".

Uma outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo seus programas, suas propostas, seus projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se, depois, ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, da miséria e da violência.

Em vista disso, a tendência das pessoas é julgar que é impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor e da necessidade da democracia e aceitando "vender" seu voto por alguma vantagem imediata e pessoal, ou caem na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.

Texto extraído do livro *Convite à Filosofia* de Marilene Chauí. São Paulo: Editora Ática, 1994

LIXO, CONSUMO E A QUESTÃO AMBIENTAL

A PRODUÇÃO DE RESÍDUOS É INERENTE À CONDIÇÃO HUMANA E INEXORÁVEL.

MAS A LATA DE LIXO NÃO É UM DESINTEGRADOR MÁGICO DE MATÉRIA ! O lixo continua existindo depois que o jogamos na lixeira. Não há como não produzir lixo, mas podemos diminuir essa produção. Como? Reduzindo o desperdício, reutilizando sempre que possível e separando os materiais recicláveis para a coleta seletiva. Tem coisas que a gente só não faz por não saber como. (...) A idéia é construirmos um mundo melhor, certo? Cremos que um futuro melhor seja o resultado de um presente mais responsável. **Individualmente responsável.**

Extraído do site: <http://www.lixo.com.br>

A SOCIEDADE DE CONSUMO É IRREVERSÍVEL?

“A sociedade contemporânea está doente. Homens e mulheres, descontroladamente, são levados a comprar, sem necessidade. Fazem do consumo uma opção de lazer e uma forma de libertação. Os shopping centers se tornaram os templos dessa sociedade - doente - de consumo. (...) O primeiro e mais importante limite dessa cultura do consumo, que estamos testemunhando hoje, são os próprios limites ambientais. O planeta não suportaria se cada habitante tivesse um automóvel, por exemplo. Há também o sério problema do lixo produzido pela sociedade. Onde os países desenvolvidos estão despejando seus lixos? Li que jogam nos mares de países com alta dívida externa, como o Brasil. Psicológica e sociologicamente também não será suportável por muito mais tempo essa lógica de produção e consumo destrutivos a que estamos sujeitos hoje.”

extraído do jornal Brasil de Fato, 8/04/2006, entrevista com Valquíria Padilha,

QUEM POLUI MAIS

O título de campeão nas emissões de gases estufa é dos Estados Unidos, que sozinhos são responsáveis por cerca de um quarto da produção mundial de CO₂, ou 1,48 bilhão de toneladas anuais. Além de ser o país que mais polui em termos absolutos, os EUA possuem um dos maiores índices de emissão de gás carbônico per capita. Cada habitante norte-americano corresponde a 5,5 toneladas de carbono lançadas ao ar anualmente. O lugar do mundo com maior emissão de gás carbônico per capita são as Ilhas Virgens Norte-Americanas, no



Caribe, com 33,2 toneladas anuais por habitante. (...) O segundo maior poluidor é a China, mais pelo tamanho de sua população do que pelo abuso nas emissões. Entre outros grandes poluidores, tanto no índice total quanto o per capita, estão Rússia, Japão, Austrália, Reino Unido, Itália e Coreia do Sul. (extraído de Folha de São

Paulo Online)

PARATODOS

Chico Buarque de Holanda

O meu pai era paulista
meu avô, pernambucano
o meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano
meu maestro soberano
foi Antônio Brasileiro

Foi Antônio Brasileiro
quem soprou esta toada
que cobri de redondilhas
pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
a viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro
contra fel, moléstia, crime
use Dorival Caymmi
vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro
bandoleiros, vi hospícios
moças feito passarinho

avoando de edifícios
fume Ari, cheire Vinícius
beba Nelson Cavaquinho

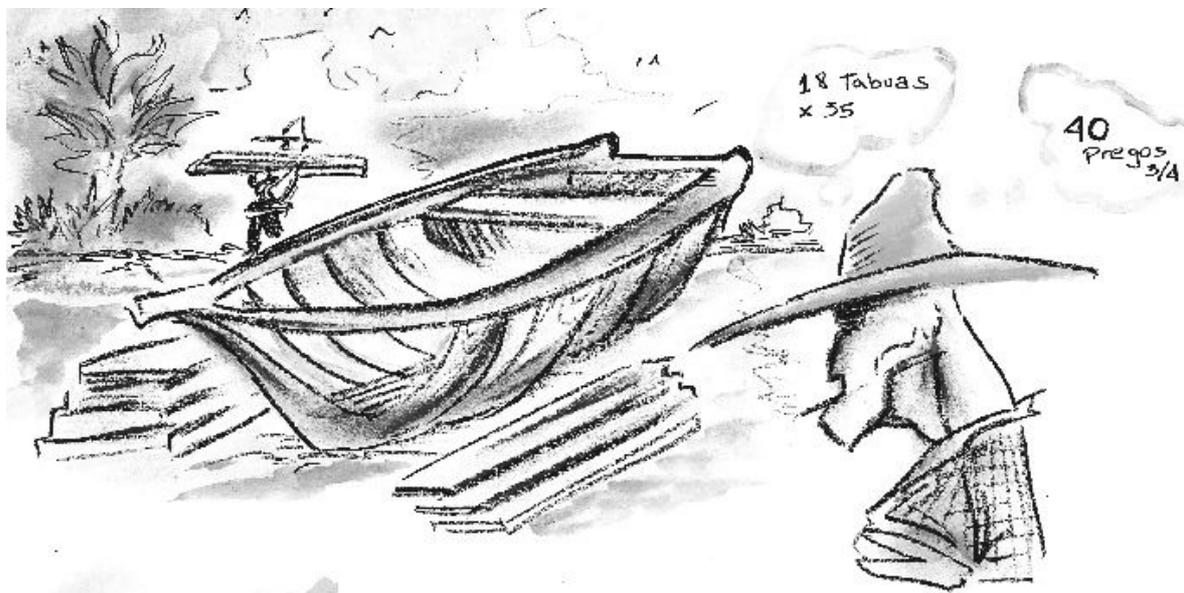
Para um coração mesquinho
contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é incontestes
tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens a vista

O meu pai era paulista
meu avô pernambucano
o meu bisavô, mineiro
meu tataravô baiano
Vou na estrada há muitos anos
sou um artista brasileiro

O TRABALHO E A PRODUÇÃO DA HUMANIDADE

Ismael Venâncio de Melo*



Com a finalidade de melhor entender o conceito de “centralidade do trabalho”, vamos acompanhar esse diálogo entre duas amigas: Dara e Sofia:

Dara - O que significa “centralidade do trabalho”?

Sofia - Não é o que parece imediatamente. Para nós, é tão comum relacionar trabalho e emprego que, num primeiro momento, a gente pensa que é a mesma coisa. O emprego é hoje algo tão difícil, e ao mesmo tempo tão necessário, que quando ficamos sem emprego, parece que nossa vida perdeu o centro, mas não é isso que se deve entender por centralidade do trabalho.

Dara - Eu já estava indo nesse caminho...

Sofia - Vamos começar limpando o terreno e dizendo o que não é a tal centralidade. Já entendemos que a centralidade ontológica do trabalho não pode ser confundida com a centralidade cotidiana do trabalho.

Dara - O que é ontológica?

Sofia - *Onto* vem do grego e quer dizer relativo ao ser, *logia* também vem do grego e quer dizer estudo, ciência. Assim, ontologia quer dizer: estudo do ser.

Dara - Então, o trabalho que nos interessa agora não é aquele que a gente está procurando, o emprego?

* Ismael Venâncio de Melo é filósofo e mestrando em Educação - USP

Sofia - Isso mesmo, a centralidade do trabalho refere-se a algo muito mais geral. A qualquer tipo de trabalho em qualquer forma de organização social. Aqui no Brasil, que é uma sociedade capitalista, o trabalho está associado a emprego, porque nós vendemos nosso tempo para o capitalista, que paga um salário para dispor desse nosso tempo. Mas, nem sempre foi assim, já houve épocas nas quais o trabalho era comunitário e a divisão era feita de acordo com as condições e possibilidades de cada um. Também teve épocas que alguns homens escravizavam outros e os obrigavam a trabalhar. Houve ainda uma época em que os homens não eram escravos, mas eram servos da terra, não podiam se deslocar livremente. Agora, nós vivemos um período histórico no qual alguns homens se apoderaram dos meios de trabalho e os que não tem esses meios são obrigados a vender sua mão-de-obra para ser empregada em benefício daqueles que detêm os meios de produção.

Dara - Mas se a gente não consegue emprego também não consegue realizar trabalho. E a gente precisa viver...

Sofia - Tem razão! O trabalho é condição necessária para garantir a vida em qualquer tipo de sociedade. Isso é uma condição natural insuperável. As formas de organização do trabalho é que variam no decorrer da história.

Dara - Vamos ver se eu entendi: se o cara pesca para alimentar sua família, se ele é escravo e tem que entregar o produto da pesca para o seu dono, se ele tem que entregar uma parte do que pesca para o seu senhor ou tem que entregar toda produção para o dono do barco que o empregou, e pagou um salário para isso, não importa: em qualquer desses casos, houve trabalho.

Sofia - É exatamente aí que está a centralidade do trabalho. Em qualquer tipo de sociedade, em qualquer forma de organização social, o trabalho será sempre uma atividade necessária para garantir a sobrevivência. O trabalho é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social.

Uma outra característica do trabalho, a que nos diferencia dos animais, é que nós podemos produzir nossos próprios meios de subsistência, podemos produzir para muito além das nossas necessidades imediatas. Um leão come carne, mas não cria um rebanho de ovelhas para quando tiver fome. Uma vaca come capim, mas não planta o capim.

Dara - Essa é mesmo uma diferença muito grande: nós, os humanos, somos capazes de produzir os nossos próprios meios de subsistência.

Sofia - Isso mesmo, nós fazemos as coisas com uma certa intenção. Não somos movidos apenas pelas necessidades imediatas. Já o leão, quando tem fome, caça e come, ele não caça para “comer mais tarde”.

Dara - E, o que tem a ver trabalho com conhecimento?

Sofia - Conforme acabamos de ver, nós agimos com certa intencionalidade. Ao mesmo tempo, todas as nossas vivências anteriores interferem nas nossas ações. Nós, como seres que vão se constituindo historicamente, partimos sempre do já vivido, por nós ou pelas gerações anteriores. Ou seja, somos frutos da história da humanidade e da nossa própria história. Quando temos que realizar um trabalho nós o fazemos levando em conta esses conhecimentos adquiridos anteriormente. Assim, quando atuamos sobre o mundo para satisfazer nossas necessidades, somos guiados por uma certa intenção, pelos nossos

conhecimentos e pelas respostas que damos às resistências encontradas nessa tentativa de apropriação da natureza.

Dara - Quer dizer que mesmo atividades aparentemente simples, como pescar, requerem conhecimento?

Sofia - Claro! E na verdade pescar nem é uma atividade simples. Inúmeros conhecimentos são aplicados no ato da pesca. Primeiro, somos motivados a pescar por uma certa necessidade, basicamente a de produzir alimento. A partir dessa necessidade, de nos alimentar, temos uma intencionalidade, conseguir alimento. Nós aprendemos que peixe alimenta e que no mar há peixe. Aprendemos também diversas técnicas para pescar, técnicas que foram sendo desenvolvidas no decorrer da história. Também aprendemos quais os instrumentos que facilitam a pescaria. Aprendemos qual a época do ano mais adequada para pescar essa ou aquela espécie, aprendemos que a Lua interfere no resultado da pesca, aprendemos que as correntes marítimas e a temperatura também interferem. Ou seja, entre a decisão de pescar e a pesca propriamente dita uma infinidade de conhecimentos determinará a decisão de pescar e outra infinidade de conhecimentos será necessária para realizar a pescaria. E não é só! Depois de pescar precisamos preparar o peixe para o consumo, precisamos limpá-lo e conservá-lo. Depois é “só” preparar (cozido, frito ou assado) e saborear.

Dara - Por falar nisso, sabe que acabo de ter uma idéia, resultado dessa nossa discussão. Vamos comer um peixinho, vamos comer séculos de conhecimento. Afinal, é sábado à tarde e ninguém é de ferro. ■



A IDEOLOGIA

Marilena Chauí



A alienação social se exprime numa “teoria” do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade tal como é diretamente percebida e vivida.

Um exemplo desse senso comum aparece no caso da “explicação” da pobreza, em que o pobre é pobre por sua própria culpa (preguiça, ignorância) ou por vontade divina ou por inferioridade natural. Esse senso comum social, na verdade, é o resultado de uma elaboração intelectual sobre a realidade, feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade — sacerdotes, filósofos, cientistas, professores, escritores, jornalistas, artistas —, que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem e que é a classe dominante de sua sociedade. Essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social é a ideologia. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as idéias de uma das classes sociais — a dominante e dirigente — tomam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade.

A função principal da ideologia é ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos. Indivisão: apesar da divisão social das classes, somos levados a crer que somos todos iguais porque participamos da idéia de “humanidade”, ou da idéia de “nação” e “pátria”, ou da idéia de “raça”, etc. Diferenças naturais: somos levados a crer que as desigualdades sociais, econômicas e políticas não são produzidas pela divisão social das classes, mas por diferenças individuais dos talentos e das capacidades, da inteligência, da força de vontade maior ou menor, etc.

A produção ideológica da ilusão social tem como finalidade fazer com que todas as classes sociais aceitem as condições em que vivem, julgando-as naturais, normais, corretas, justas, sem pretender transformá-las ou conhecê-las realmente, sem levar em conta que há uma contradição profunda entre as condições reais em que vivemos e as idéias.

Por exemplo, a ideologia afirma que somos todos cidadãos e, portanto, temos todos os mesmos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais. No entanto, sabemos que isso não acontece de fato: as crianças de rua não têm direitos; os idosos não têm direitos; os direitos culturais das crianças nas escolas públicas é inferior aos das crianças que estão em escolas particulares, pois o ensino não é de mesma qualidade em ambas; os negros e índios são discriminados como inferiores; os homossexuais são perseguidos como pervertidos, etc.

A maioria, porém, acredita que o fato de ser eleitor, pagar as dívidas e contribuir com os impostos já nos faz cidadãos, sem considerar as condições concretas que fazem alguns serem mais cidadãos do que outros. A função da ideologia é impedir-nos de pensar nessas coisas.

Os procedimentos da ideologia

Como procede a ideologia para obter esse fantástico resultado? Em primeiro lugar, opera por inversão, isto é, coloca os efeitos no lugar das causas e transforma estas últimas em efeitos. Ela opera como o inconsciente: esta fabrica imagens e sintomas; aquela fabrica idéias e falsas causalidades.

Por exemplo, o senso comum social afirma que a mulher é um ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinada, por natureza, para a vida doméstica, o cuidado do marido e da família. Assim o "ser feminino" é colocado como causa da "função social feminina".

Ora, historicamente, o que ocorreu foi exatamente o contrário: na divisão sexual-social do trabalho e na divisão dos poderes no interior da família, atribuiu-se à mulher um lugar levando-se em conta o lugar masculino; como este era o lugar do domínio, da autoridade e do poder, deu-se à mulher o lugar subordinado e auxiliar, a função complementar e, visto que o número de braços para o trabalho e para a guerra aumentava o poderio do chefe da família e chefe militar, a função reprodutora da mulher tornou-se imprescindível, trazendo como conseqüência sua designação prioritária para a maternidade.

Estabelecidas essas condições sociais, era preciso persuadir as mulheres de que seu lugar e sua função não provinham do modo de organização social, mas da Natureza, e eram excelentes e desejáveis. Para isso, montou-se a ideologia do "ser feminino" e da "função feminina" como naturais e não como históricos e sociais. Como se observa, unia vez implantada uma ideologia, passamos a tomar os efeitos pelas causas.

A segunda maneira de operar da ideologia é a produção do imaginário social, através da imaginação reprodutora. Recolhendo as imagens diretas e imediatas da experiência social (isto é, do modo como vivemos as relações sociais), a ideologia as reproduz, mas transformando-as num conjunto coerente, lógico e sistemático de idéias que funcionam em dois registros: como representações da realidade (sistema explicativo ou teórico) e como normas e regras de conduta e comportamento (sistema prescritivo de normas e valores). Representações, normas e valores formam um tecido de

imagens que explicam toda a realidade e prescrevem para toda a sociedade o que ela deve e como deve pensar, falar, sentir e agir. A ideologia assegura, a todos, modos de entender a realidade e de se comportar nela ou diante dela, eliminando dúvidas, ansiedades, angústias, admirações, oculta as contradições da vida social, bem como as contradições entre esta e as idéias que supostamente a explicam e controlam.

Enfim, uma terceira maneira de operação da ideologia é o silêncio. Um imaginário social se parece com uma frase onde nem tudo é dito, nem pode ser dito, porque, se tudo fosse dito, a frase perderia a coerência, tornar-se-ia incoerente e contraditória e ninguém acreditaria nela. A coerência e a unidade do imaginário social ou ideologia vêm, portanto, do que é silenciado (e, sob esse aspecto, a ideologia opera exatamente como o inconsciente descrito pela psicanálise).

Por exemplo, a ideologia afirma que o adultério é crime (tanto assim que homens que matam suas esposas e os amantes delas são considerados inocentes porque praticaram um ato em nome da honra), que a virgindade feminina é preciosa e que o homossexualismo é uma perversão e uma doença grave (tão grave que, para alguns, Deus resolveu punir os homossexuais enviando a peste, isto é, a Aids).

O que está sendo silenciado pela ideologia? Os motivos pelos quais, em nossa sociedade, o vínculo entre sexo e procriação é tão importante (coisa que não acontece em todas as sociedades, mas apenas em algumas, como a nossa). Nossa sociedade exige a procriação legítima e legal — a que se realiza pelos laços do casamento —, porque ela garante, para a classe dominante, a transmissão do capital aos herdeiros. Assim sendo, o adultério e a perda da virgindade são perigosos para o capital e para a transmissão legal da riqueza; por isso, o primeiro se toma crime e a segunda é valorizada como virtude suprema das mulheres jovens.

Em nossa sociedade, a reprodução da força de trabalho se faz pelo aumento do número de trabalhadores e, portanto, a procriação é considerada fundamental para o aumento do capital que precisa da mão-de-obra. Por esse motivo, toda sexualidade que não se realizar com finalidade reprodutiva será considerada anormal, perversa e doentia, donde a condenação do homossexualismo. A ideologia, porém, perderia sua força e coerência se dissesse essas coisas e por isso as silencia.

(trecho extraído de **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, S.Paulo, 1994, pág. 174-175)

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES
DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL DA CUT – 2006/2009

Presidente

Artur Henrique da Silva Santos - SINERGIA – Sind. Trab. Ind. de Energia Elétrica do Estado de SP

Vice-Presidente

Carmen Helena Ferreira - Foro Sind. Trab. Rurais de Igarapé-Mirim – PA

Secretário Geral

Quintino Marques Severo - Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas de São Leopoldo – RS

Primeiro Secretário

Adeilson Ribeiro Telles - SEPE -Sind. Est. dos Profissionais da Educação do Estado do RJ

Tesoureiro

Jacy Afonso de Melo - Sind. dos Bancários de Brasília – DF

Primeiro Tesoureiro

Antonio Carlos Spis - Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP

Secretário de Relações Internacionais

João Antônio Felício - APEOESP – Sind. dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP

Secretário de Política Sindical

Vagner Freitas de Moraes - Sind. dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região - SP

Secretário de Formação

José Celestino Lourenço (Tino) - SIND-UTE – Sind. Único dos Trab. em Educação do Estado de MG

Secretária de Comunicação

Rosane Bertotti - Sind. Trab. Agricultura Familiar de Xanxerê – SC

Secretário de Políticas Sociais

Exedito Solaney Pereira de Magalhães - Sind. dos Bancários do Estado de PE

Secretária de Organização

Denise Motta Dau - SindSaúde - Sind. dos Serv. Pub. em Saúde do Estado de SP

Secretária sobre a Mulher Trabalhadora

Rosane da Silva - Sind. dos Sapateiros de Ivoti – RS

Direção Executiva

Anízio Santos de Melo - APEOC - Sind. Serv. Pub. Lot. Sec. de Educação e de Cultura do Estado do CE

Antonio Soares Guimarães (Bandeira) - Sind. Trab. Rurais de Pentecostes - CE

Carlos Henrique de Oliveira - Sind. Serv. Pub. Municipais de São José do Rio Preto - SP

Dary Beck Filho - Sind. Trab. Ind. Dest. Refinação de Petróleo do Estado do RS

Elisângela dos Santos Araújo - Sind. Trab. Rurais de São Domingos - BA

José Lopez Feijóo - Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas do ABC – SP

Julio Turra Filho - SINPRO - Sind. dos Professores do ABC – SP

Lúcia Regina dos Santos Reis - SINTUFRJ - Sind. Trab. em Educação da UFRJ

Manoel Messias Nascimento Melo - SINDPD – Sind. dos Trab. em Informática do Estado de PE

Milton Canuto de Almeida - SINTEAL - Sind. Trab. em Educação do Estado de AL

Rogério Batista Pantoja - Sind. Trab. Ind. Urbanas - AP

Temístocles Marcelos Neto - Sind. Serv.Pub. em Saúde do Estado de MG

Conselho Fiscal - Efetivos

1. Maria Julia Reis Nogueira - Sind. Trab. Pub. Fed. Saúde e Previdência do Estado do MA
2. Valdemir Medeiros da Silva - Sind. dos Previdenciários do Estado da Bahia
3. Alci Matos Araújo - Sind. Empreg. no Comércio do Estado do ES

Conselho Fiscal - Suplentes

1. José Carlos Pigatti - Sind. Trab. Energia Elétrica do Estado do ES
2. Odair José Neves Santos - Sind. dos Professores Públicos e Especialistas em Educação do Estado do MA